

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUDMILA CORRÊA SANDMANN

O FOCO INFORMACIONAL E A ORDEM DOS COMPLEMENTOS  
VERBAIS

CURITIBA  
Fevereiro/2009

LUDMILA CORRÊA SANDMANN

O FOCO INFORMACIONAL E A ORDEM DOS COMPLEMENTOS VERBAIS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Foltran

CURITIBA  
Fevereiro/2009

*A meu pai e professor, Antônio José Sandmann.*

*À minha mãe, Branca Gonçalves Corrêa.*

*Ao meu marido Aloísio,  
pelo carinho e apoio constantes.*

## Agradecimentos

*À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Foltran, pelo apoio e pela confiança, pelos ensinamentos e pela amizade.*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Figueiredo Silva e ao Prof. Dr. Maximiliano Guimarães, membros da Banca de Qualificação, pelos comentários e sugestões.*

*Aos professores da Pós-Graduação em Lingüística, pelas aulas ministradas.*

*Aos professores Paulo Soethe, Ruth Bohunovsky, Katja Reinecke, Maurício Mendonça Cardozo e João Udo Siemens pelo apoio e convívio profissional.*

*Ao professor Gereon Müller, pelas orientações.*

*Aos colegas e amigos que acompanharam a elaboração deste trabalho, e à minha família.*

## Índice

Resumo .....	iv
Abstract.....	v
Introdução.....	1
Capítulo I – Foco .....	4
1.0 Introdução.....	4
1.1 Foco e pressuposição .....	5
1.2 Tipos de foco: informação, contrastivo, identificação .....	7
1.3 A relação entre foco e prosódia .....	10
1.4 Resumo do capítulo .....	14
Capítulo II – Sintaxe da focalização.....	16
2.0 Introdução.....	16
2.1 Rizzi (1997): Sistema CP .....	17
2.1.1 Construções com objeto anteposto .....	20
2.2 Belletti (2002) – Área interna a IP.....	22
2.2.1 Ordens VOS/VSO .....	28
2.2.2 Ordem V S PP .....	32
2.2.3 Ordem VSO em outras línguas românicas .....	33
2.2.4 Argumentos múltiplos .....	34
2.3 Focalização no PB (Mioto 2003).....	38
2.4 Resumo do Capítulo .....	41
Capítulo III – Foco no alemão e no PB .....	43
3.0 Introdução.....	43
3.1 A estrutura sentencial do alemão.....	43
3.2 Construções com dois complementos do alemão .....	45
3.3 Análise dos dados do PB .....	51
3.4 Análise dos dados do alemão.....	58
3.5 Resumo do capítulo .....	64
Capítulo IV – Por uma relação indireta entre sintaxe e foco.....	65
4.0 Introdução.....	65
4.1 Costa & Figueiredo (2006).....	65
4.2 Costa (1998) .....	71
4.2.1 Scrambling no português.....	71
4.2.2 Teoria da Otimalidade e complementos verbais.....	74
4.3 Büring (1999) .....	76
4.3.1 Teoria da Otimalidade e complementos verbais no alemão.....	76
4.4 Análise das sentenças de estudo .....	79
4.4.1 Análise dos dados do alemão.....	80
4.4.2 Análise dos dados do português .....	82
4.5 Resumo do Capítulo .....	85
Considerações finais.....	87
Referências Bibliográficas.....	89

## Resumo

O objetivo desta dissertação é analisar, com base na Teoria Gerativa, a relação entre foco informacional e ordem de complementos verbais de sentenças com verbos ditransitivos. As línguas de estudo são o português brasileiro (PB) e o alemão. Em sentido amplo, o foco é definido como sendo a parte da sentença que veicula a informação não-suposta. O foco informacional é identificado por meio de perguntas-wh. É importante o estudo da relação entre foco e prosódia: o acento principal da sentença sempre recai sobre um elemento do constituinte focalizado. Esse acento depende das regras de acentuação de uma língua. Consideramos que a Regra de Acento Nuclear, que atribui o acento ao constituinte situado mais à direita na sentença, é válida para o alemão e para o PB. Propomos que para a aplicação efetiva da NSR são necessárias mais duas noções: a de desacentuação e a de invisibilidade métrica, apresentadas por Zubizarreta (1998). Por meio dessas noções é possível atribuir o acento de foco a um elemento que não esteja situado na posição mais à direita na sentença. A base teórica para a análise dos dados do alemão e do português é a sintaxe da focalização. A proposta de Rizzi (1997) trata da expansão do sistema CP e a proposta de Belletti (2002) trata da expansão da área interna a IP. As duas propostas são aplicadas a sentenças do alemão e do PB. Resultados da Teoria da Otimalidade apontam para uma explicação da variação da ordem em termos de uma relação menos estreita entre sintaxe e prosódia.

## Abstract

The purpose of this dissertation is to analyze, on the basis of the Generative Theory, the relationship between informational focus and the order of verbal complements in sentences with ditransitive verbs. Two languages are under consideration: Brazilian Portuguese and German. Broadly speaking, focus is defined as the part of the sentence, which carries the non-presupposed information. The informational focus is identified by means of *wh*-questions. The relationship between focus and prosody is worth studying, since the sentence main stress is always on a focalized constituent. In a given language, this stress depends on the accent rules. We consider that the Nuclear Stress Rule – NSR, which assigns stress to the constituent placed farthest at the right side of the sentence is valid for both German and Brazilian Portuguese. We propose that, in order to effectively apply NSR, two further notions are needed: deaccenting and metrical invisibility, presented by Zubizarreta (1998). These notions make it possible to assign the focus stress to an element not placed farthest at the right side of the sentence. Theoretical basis for the analysis of the German and Portuguese data is the syntax of focalization. The proposal by Rizzi (1997) deals with the expansion of the CP system, and the proposal by Belletti (2002) deals with the expansion of the low IP area. Both proposals are applied to German and Brazilian Portuguese sentences. Results from the Optimality Theory point at an explanation of the change in order in terms of a not so strict relationship between syntax and prosody.

## Introdução

O objetivo desta dissertação é analisar, com base na Teoria Gerativa, a relação entre foco informacional e ordem de complementos verbais de sentenças com verbos ditransitivos. As línguas de estudo são o português brasileiro (doravante PB) e o alemão. Apresentamos a seguir as sentenças de estudo deste trabalho.

Sentenças do alemão:

- (A) a. Was hat Peter Ana gegeben?  
 ‘O que o Pedro deu pra Ana?’  
 b. Peter hat Ana das Buch gegeben.  
 O Pedro tem Ana<sub>dat</sub> o<sub>acc</sub> livro dado.  
 ‘O Pedro deu pra Ana o livro.’  
 c. (??\*)Peter hat [<sub>F</sub> das Buch] Ana gegeben.  
 O Pedro tem o<sub>acc</sub> livro Ana<sub>dat</sub> dado.  
 ‘O Pedro deu o livro pra Ana.’

- (B) a. Wem hat Peter das Buch gegeben?  
 ‘Pra quem o Pedro o deu o livro?’  
 b. Peter hat [<sub>F</sub> Ana] das Buch gegeben.  
 O Pedro tem Ana<sub>dat</sub> o<sub>acc</sub> livro dado.  
 ‘O Pedro deu pra Ana o livro.’  
 c. Peter hat das Buch [<sub>F</sub> Ana] gegeben.  
 O Pedro tem o<sub>acc</sub> livro Ana<sub>dat</sub> dado.  
 ‘O Pedro deu o livro pra Ana.’

Sentenças do PB:

- (C) a. O que o Pedro deu pra Ana?  
 b. O Pedro deu [<sub>FO</sub> livro] pra Ana.  
 c. O Pedro deu pra Ana [<sub>FO</sub> livro].



- (D) a. Pra quem o Pedro deu o livro?  
b. O Pedro deu o livro [<sub>F</sub>pra Ana].  
c. O Pedro deu [<sub>F</sub>pra Ana] o livro.

No capítulo I definimos o foco como sendo o constituinte que veicula a informação não-suposta na sentença. O foco é definido em termos prosódicos como sendo a parte da sentença que contém a palavra de maior proeminência prosódica.

A seguir será feita a distinção entre diferentes tipos de foco, quais sejam, o foco informacional – que nos interessa diretamente – o foco contrastivo e o foco de identificação. Em linhas gerais, o foco informacional é identificado por meio de perguntas-wh, sendo a própria resposta à pergunta-wh.

Por fim, tratamos da relação entre foco e prosódia: o acento principal da sentença sempre recai sobre um elemento do constituinte focalizado. Esse acento depende das regras de acentuação de uma língua. No caso do inglês é a Regra de Acento Nuclear (*NSR - Nuclear Stress Rule*), que atribui o acento ao constituinte situado mais à direita na sentença. Assumiremos que a NSR vale também para o alemão e para o PB. No entanto, propomos que para a aplicação efetiva da NSR às sentenças de estudo são necessárias mais duas noções: a de desacentuação e a de invisibilidade métrica, apresentadas por Zubizarreta (1998). Por meio dessas noções é possível atribuir o acento de foco a um elemento que não esteja situado na posição mais à direita na sentença.

No segundo capítulo apresentamos as teorias de Rizzi (1997) e Belletti (2002), relacionadas a uma proposta de codificar na sintaxe elementos da estrutura informacional: a sintaxe da focalização. A proposta de Rizzi trata da expansão do sistema CP, que passa a ser composto de várias categorias funcionais, situadas na periferia esquerda da sentença. Entre as categorias definidas por Rizzi estão TopP e FocP, que abrigam constituintes topicalizados e focalizados, respectivamente, e que são de interesse para este trabalho.

A proposta de Belletti (2002) trata da parte baixa da estrutura, mais especificamente a área interna a IP. Belletti propõe que dentro do IP também existem posições de TopP e

FocP que abrigam constituintes topicalizados e focalizados que não estão deslocados para a periferia esquerda da sentença. Essa proposta nos interessa para análise das sentenças de estudo, pois nelas os complementos verbais estão situados em posições pós-verbais. Belletti também mostra que para o italiano a posição de foco na área interna a IP é sempre ocupada por um constituinte com foco informacional. Na mesma linha, Miotto (2003) propõe que também no PB a área interna a IP contém uma posição de foco informacional.

No capítulo III faremos a aplicação das propostas de Rizzi (1997) e Belletti (2002) aos dados do alemão e do PB. Para que a estrutura sentencial do alemão fique mais clara, apresentaremos no início do capítulo duas propostas para construções de objetos duplos do alemão. Em seguida partiremos para a análise das sentenças de estudo, com o objetivo de verificar se de fato a sintaxe da focalização pode explicar a relação entre foco informacional e ordem de complementos verbais.

Com o intuito de trazer mais respostas para a questão da ordem dos complementos verbais, apresentamos no Capítulo IV alguns resultados de trabalhos que propõem que a relação entre sintaxe e estrutura informacional não é tão estreita. Nessa linha, trazemos especificamente os resultados de Costa (1998) para o português europeu (doravante PE) e de Büring (1999) para o alemão, ambos baseados na Teoria da Otimalidade. Esses resultados servem de base para uma breve análise das sentenças de estudo.

## Capítulo I – Foco

### 1.0 Introdução

As línguas dispõem de diversos métodos para fixar a atenção do ouvinte em alguma parte do enunciado. Existem métodos gramaticais, que envolvem o uso de sentenças passivas, clivadas e pseudo-clivadas; métodos lexicais, que envolvem, por exemplo, o uso de advérbios como *mesmo*, *só*, etc.; e métodos entoacionais, que fazem uso de meios prosódicos para situar o acento mais proeminente da sentença sobre o que se quer chamar a atenção – a chamada focalização – assunto desta dissertação.

Na verdade, também os métodos gramatical e lexical estão relacionados à focalização, pois, na maioria dos casos, os elementos colocados em destaque por esses métodos contêm o acento mais proeminente da sentença, de modo que encontramos na literatura lingüística termos como “focalização gramatical” e “focalização lexical”.

Além da focalização, a topicalização também constitui uma forma de chamar a atenção sobre uma parte da sentença. No entanto, diferentemente da focalização, que se aplica ao constituinte que veicula informação não compartilhada pelos falantes, a topicalização se aplica ao constituinte que veicula informação compartilhada pelos falantes.

Neste capítulo, trataremos inicialmente da relação entre foco e pressuposição, com base nas definições de foco e pressuposição de Jackendoff (1972) e no trabalho de Zubizarreta (1998).

A seguir será feita a distinção entre três tipos de foco: de informação, contrastivo e de identificação, com base em Zubizarreta (1998), Kiss (1998) e Miotto (2003), bem como entre as noções de foco de escopo largo e foco de escopo estreito.

Por fim, é importante mencionar a relação que existe entre foco e prosódia. Para línguas como o inglês, o alemão e o português vale a Regra de Acento Nuclear (*NSR-Nuclear Stress Rule*). Zubizarreta (1998) faz uma revisão da NSR e estabelece duas subdivisões: a S-NSR (baseada na ordem de seleção) e a C-NSR (baseada na ordem de c-

comando assimétrico). Por fim, a autora traz duas noções importantes para este trabalho: a de desacentuação e a de visibilidade e invisibilidade métrica.

### 1.1 Foco e pressuposição

Em um dos primeiros trabalhos a tratar de foco na gramática gerativa, Jackendoff (1972) define o foco de uma sentença como sendo o constituinte que veicula a informação não-pressuposta pelo falante e pelo ouvinte. A parte pressuposta – ou pressuposição – é constituída daquilo que falante e ouvinte compartilham.<sup>1</sup> Uma noção intuitiva da articulação foco-pressuposição pode ser obtida das sentenças abaixo (discutidas em Chomsky 1970b<sup>2</sup> *apud* Jackendoff 1972).

(1) Is it JOHN who writes poetry?

A resposta mais adequada para a pergunta em (1) seria (2), e não (3).

(2) No, it is BILL who writes poetry.

(3) No, it is JOHN who writes short stories.

Em (1) a pressuposição é que alguém escreve poesia. Em (2) a pressuposição é que alguém escreve poesia e o foco é BILL, a informação nova sendo veiculada. Em (3) a pressuposição é que alguém escreve contos, e não poesia, o que resulta numa espécie de conflito entre as pressuposições: ocorre o estranhamento porque falante e ouvinte não compartilham a mesma pressuposição.

É costume relacionar foco à veiculação de informação nova na sentença e pressuposição à veiculação de informação velha. Zubizarreta (1998) mostra que não é

---

<sup>1</sup> Jackendoff (1972): “(...) we will use ‘focus of a sentence’ to denote the information in the sentence that is assumed by the speaker not to be shared by him and the hearer, and ‘presupposition of a sentence’ to denote the information in the sentence that is assumed by the speaker to be shared by him and the hearer.”

<sup>2</sup> CHOMSKY, N. (1970b) Deep Structure, Surface Structure, and Semantic Interpretation. In: Jacobson, R. e Kawamoto, S. *Studies in General and Oriental Linguistics*. Tokyo: TEC Corporation.

seguro trabalhar com a dicotomia informação nova/velha, pois a informação velha também pode ser focalizada, como ocorre no exemplo abaixo:

- (4) a. João comeu um hambúrguer ou um cachorro quente?  
 b. João comeu um [<sub>F</sub> hambúrguer].

Sob o ponto de vista da prosódia, em linhas gerais, o foco contém a palavra de maior proeminência prosódica da sentença (Zubizarreta, 1998). Os trabalhos pioneiros na tradição da gramática gerativa sobre a relação entre foco e proeminência foram Chomsky (1971)<sup>3</sup> e Jackendoff (1972). A idéia básica dessa relação discutida nesses trabalhos é que o acento principal da sentença é assinalado automaticamente por regras fonológicas e que em línguas como o inglês esse acento é o identificador do foco. O foco de uma sentença é definido como sendo qualquer constituinte que contém o acento principal da sentença.

Essa visão se baseia nas noções de acento neutro e acento marcado. No inglês, nenhuma sentença pode ser produzida sem o acento proeminente. Então, deve haver uma regra – a Regra de Acento Nuclear (*Nuclear Stress Rule – NSR*) – proposta inicialmente por Chomsky & Halle (1968)<sup>4</sup> (*apud* Zubizarreta, 1998), que assinala automaticamente o acento principal em uma sentença, independentemente de considerações discursivas. O acento é percebido como neutro, por exemplo, em sentenças produzidas em um contexto *out of the blue*. Em alguns casos, entretanto, o acento principal é percebido não como neutro, mas como marcado, como os acentos nos pronomes na sentença (5) do inglês:

- (5) I didn't do it, she did it.  
 Eu não fiz isso, ela fez.

<sup>3</sup> CHOMSKY, N. (1971) Constraints on Transformations. In: Anderson, S e Kiparsky, P (Eds.) *Festschrift for Morris Halle*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

<sup>4</sup> CHOMSKY, N & HALLE, M. (1969) *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row.

## 1.2 Tipos de foco: informação, contrastivo, identificação

A focalização, como visto, pode ser feita na estrutura por meio da focalização gramatical, ou por meio do léxico, como na focalização lexical. No caso da focalização por meio da prosódia, é comum que haja um contexto previamente estabelecido para a identificação do foco na sentença, daí o uso de perguntas ou sentenças de contexto.

Zubizarreta (1998) identifica dois tipos de foco: o contrastivo e o não-contrastivo, denominação usada pela autora para o foco informacional. O foco não-contrastivo é contextualizado e identificado por meio de perguntas-wh. Ele é a própria resposta à pergunta-wh. Para a autora, uma sentença como em (6) é ambígua.

(6) John ate the pie.

Dependendo da pergunta de contexto identificam-se diferentes focos para (6).

- (6) a. [<sub>F</sub> John [ate [the pie]]].  
[What happened?]
- b. [John [<sub>F</sub> ate [the pie]]].  
[What did John do?]
- c. [John [ate [<sub>F</sub> the pie]]].  
[What did John eat?]
- d. [[<sub>F</sub> John] [ate [the pie]]].  
[Who ate the pie?]

Zubizarreta propõe que a interpretação de um constituinte focalizado pode ser representada por duas asserções que formam a Estrutura de Asserção (AS) da sentença. A AS contém duas asserções ordenadas, A<sub>1</sub> e A<sub>2</sub>. Para uma sentença como (6)c, que contém um foco informacional, a AS seria como (7):

- (7) A<sub>1</sub>: Existe um x tal que o João comeu x.  
 A<sub>2</sub>: O x tal que o João comeu x = [F a torta].

A asserção A<sub>2</sub>, denominada asserção principal, é uma sentença equativa cujo predicado é o elemento focalizado.

Zubizarreta parte da idéia de que o contexto do foco contrastivo é estabelecido por uma afirmação precedente no discurso, que ela chama de *context statement*. O foco contrastivo tem dois efeitos: por um lado ele nega o valor atribuído à variável na estrutura de asserção (AS) de seu *context statement* e, por outro lado, ele introduz um valor alternativo para essa variável. No exemplo da autora mostrado em (8) a sentença entre colchetes é a *context statement*.

- (8) John is wearing a RED shirt today (not a blue shirt).  
 [John is wearing a blue shirt today.]

A sentença em (8) é a conjunção de duas proposições ordenadas, *John is wearing a blue shirt today* e *John is wearing a red shirt today*, que dão origem às duas asserções seguintes:

- (9) A<sub>1</sub>: Existe um x tal que João está vestindo x  
 A<sub>2</sub>: Não é o caso que o x (tal que João está vestindo x) = uma camisa azul & o x (tal que João está vestindo x) = uma camisa vermelha

A A<sub>1</sub> em (9) é constituída por uma pressuposição existencial. A A<sub>2</sub> apresenta duas asserções. Na primeira há a negação de um valor previamente atribuído à variável x (uma camisa azul) e na segunda a atribuição de um novo valor para essa variável (uma camisa vermelha).

Zubizarreta propõe distinguir os dois tipos de foco pelo traço [contrastivo], cujo valor positivo se lê como [*x mas não y*]. Já Kiss (1998) propõe a existência do traço semântico [exaustivo], relevante para distinguir, na visão da autora, dois tipos de foco: o de

identificação e o de informação. O constituinte focalizado [+exaustivo] deve ser lido como [x e apenas x], como na sentença abaixo:

(10) Foi [F UM CARRO] que a Maria ganhou.

O constituinte focalizado [F UM CARRO] está deslocado da posição de objeto e indica identificação exaustiva: no conjunto de presentes que a Maria poderia ter ganhado foi somente *um carro* que ela ganhou. O único valor para a variável *x* é *um carro*. Segundo Kiss (1998), “um foco de identificação representa um subconjunto do conjunto de elementos dados contextualmente ou situacionalmente, para os quais o predicado pode se aplicar; é identificado como o subconjunto exaustivo deste conjunto para o qual o predicado realmente se aplica”.

No caso do foco de informação (não-contrastivo, para Zubizarreta), o elemento focalizado apenas responde à pergunta de contexto (uma pergunta-wh), e não expressa exaustividade [-exaustivo].

Tendo por base os traços [contrastivo] e [exaustivo] propostos por Zubizarreta e Kiss, respectivamente, Miotto (2003) apresenta um quadro com os tipos de foco possíveis (K para Kiss, Z para Zubizarreta)<sup>5</sup>:

---

<sup>5</sup> Segundo Fernandes (2007), outra forma de considerar os tipos de foco é partindo das noções de foco de escopo largo e foco de escopo estreito.

(12) foco de escopo largo: O que aconteceu?  
**O João comprou livros.**

(13) foco de escopo estreito: a. Quem comprou livros?  
**O João comprou livros.**  
 b. O Pedro comprou livros?  
 Não, **o João** comprou livros.

O foco de escopo largo introduz um fato novo no discurso e o constituinte focalizado compreende todo o enunciado que introduz esse fato. A pergunta de contexto para o foco de escopo largo é “O que aconteceu?”. Já o foco de escopo estreito expressa identificação, na medida em que opera em um conjunto de entidades relevantes no domínio do discurso, identificando, deste conjunto, apenas os elementos aos quais o predicado assegura predicação. Nos casos de foco de escopo estreito, o constituinte focalizado corresponde a um constituinte menor que o enunciado inteiro. No exemplo (13) há dois exemplos que expressam o foco de escopo estreito e que correspondem ao foco de informação (13)a e ao foco contrastivo (13)b, já mencionados aqui.



(11)

a. [-contrastivo, -exaustivo]	informação (K), não-contrastivo (Z)
b. [-contrastivo, +exaustivo]	de identificação (K)
c. [+contrastivo, + exaustivo]	*
d. [+contrastivo, +exaustivo]	contrastivo (Z) e (K)

### 1.3 A relação entre foco e prosódia

A relação entre foco e prosódia é importante para a compreensão da correlação entre acento principal e foco da sentença. O acento principal da sentença sempre recai sobre o foco ou sobre um elemento do constituinte focalizado. O acento principal é atribuído segundo as regras de acentuação da língua em questão. No caso do PB, assumimos a Regra de Acento Nuclear de Chomsky & Halle.<sup>6</sup> Nesse caso, o acento principal recai sobre o constituinte que está mais à direita na sentença, mais especificamente, sobre a vogal mais encaixada desse constituinte.

- (14) a. O que o Pedro comprou?  
 b. O Pedro comprou [<sub>F</sub>um caSAco].<sup>7</sup>  
 c. O Pedro comprou [<sub>F</sub>um casaco amaRElo].

- (15) a. O que aconteceu?  
 b. [<sub>F</sub>O Pedro comprou um casaco amaRElo].

Devido à NSR, em (14)b e (14)c o pico entoacional recai sobre uma sílaba. Mesmo quando toda a sentença é focalizada, como em (15)b, o elemento que recebe o acento nuclear é o último constituinte e o pico entoacional recai sobre uma sílaba desse constituinte.

<sup>6</sup> Regra de Acento Nuclear de Chomsky & Halle (1968) *apud* Zubizarreta (1998):

NSR: O acento é atribuído à vogal mais à direita em um constituinte maior, por exemplo, [the[black bird]].

<sup>7</sup> As letras maiúsculas indicam o acento principal.

Zubizarreta (1998) assume que a variação na ordem dos constituintes ocorre como uma forma de o foco de informação receber o acento principal via NSR. Entretanto, como as línguas românicas e germânicas se comportam de maneira diferente em relação à atribuição de acento principal, a autora faz uma revisão da NSR.

(16) NSR revisada:

S-NSR: Dadas duas categorias irmãs  $C_i$  e  $C_j$ , se  $C_i$  e  $C_j$  são ordenadas seletivamente, a mais baixa na ordem de seleção é a mais proeminente.

C-NSR: Dadas duas categorias irmãs  $C_i$  e  $C_j$ , a mais baixa na ordem de c-comando assimétrico é a mais proeminente.

Em (16), a NSR é subdividida em duas partes: uma fundamentada na ordenação de argumentos selecionados por um predicado (S-NSR) e a outra é baseada na ordem de constituintes por meio de c-comando assimétrico (C-NSR). A relação de c-comando assimétrico ocorre entre dois constituintes que não estão no mesmo nível hierárquico na estrutura.

Vejamos a aplicação da relação de c-comando assimétrico em (17):

(17) O João beijou a Maria.

Na derivação da sentença (17) os constituintes *o João* e *a Maria* não estão no mesmo nível hierárquico e o objeto *a Maria* é dominado por I, que é irmão de João na estrutura hierárquica. Portanto, em (17) *o João* c-comanda assimetricamente *a Maria*.

Quanto à aplicação da NSR revisada, consideremos (18):

(18) A boy has danced.  
(Um garoto dançou).

Se a proeminência da sentença (18) é atribuída via S-NSR o elemento acentuado é *boy*, pois é o último argumento selecionado na ordem de seleção. Se a proeminência é

atribuída por meio da C-NSR o elemento que recebe o acento é *danced*, pois conforme a noção de c-comando assimétrico ele é identificado como o último constituinte da sentença.

A diferença entre as línguas românicas e as germânicas é que nas primeiras apenas a C-NSR se aplica, enquanto nas últimas tanto a C-NSR quanto a S-NSR se aplicam. No PB, portanto, o constituinte mais baixo na ordem de c-comando assimétrico recebe o acento principal.

Nas sentenças (14)b e (14)c o objeto *casaco* e o adjetivo *amarelo* são os constituintes mais baixos na ordem de c-comando assimétrico e recebem o acento de foco. Nessas sentenças, nenhum recurso especial precisa ser aplicado à sentença para que o foco receba o acento principal. Entretanto, nem sempre o foco de informação recai sobre o último elemento na ordem de c-comando. Quando isso ocorre, é necessária uma outra solução para explicar porque esse elemento recebe o acento principal.

No italiano e no espanhol a ordem verbo-sujeito é o recurso utilizado para deixar o sujeito em uma posição mais à direita da sentença e tornar possível a sua interpretação como foco informacional, como mostrado em (19) e (20).

- (19) a. Chi ha partito?  
 Quem tem saído?  
 ‘Quem saiu?’  
 b. Ha partito [FGiANni].  
 Tem saído Gianni.  
 ‘Gianni saiu.’
- (20) a. ¿Quién ha comido una manzana?  
 Quem tem comido uma maçã?  
 ‘Quem comeu uma maçã?’  
 b. Ha comido una manzana [FJuan].  
 Tem comido uma maçã Juan.  
 ‘Juan comeu uma maçã.’

Em (19)b e (20)b os sujeitos *Gianni* e *Juan* recebem o acento principal da sentença. Nessas sentenças há uma correlação entre o foco e o acento principal da sentença.

Para explicar porque algumas línguas românicas permitem a atribuição do acento principal ao elemento interpretado como foco de informação que não está mais à direita da sentença, Zubizarreta (1998) faz uma distinção entre *visibilidade métrica* e *invisibilidade métrica*. Em línguas como o italiano e o espanhol todos os constituintes são visíveis para a atribuição de acento principal. Por isso, o foco de informação deve estar em uma posição mais encaixada na sentença. Em outras línguas, como o francês, os constituintes não focalizados são invisíveis para a computação do acento principal e torna-se possível a atribuição do acento principal a um constituinte que não esteja situado na posição mais à esquerda da sentença, como em (21):

- (21) a. Qui a mangé une pomme?  
 Quem tem comido uma maçã?  
 ‘Quem comeu uma maçã?’
- b. [<sub>F</sub>JeAN] *a mangé une pomme.*  
 Jean tem comido uma maçã.  
 ‘Jean comeu uma maçã.’

Em (21)b os constituintes em itálico representam a invisibilidade métrica. Nessa sentença, o sujeito Jean recebe o acento principal e a pressuposição, que é metricamente invisível para a atribuição do acento sofre um processo de desacentuação.

No caso dos constituintes focalizados contrastivamente, Zubizarreta propõe que eles recebem um acento contrastivo que independe da NSR. Este acento é mais intenso que o acento principal. Vejamos (22).

- (22) [<sub>F</sub>Pedro] comprou um casaco amarelo (não Paulo).

O acento que incide sobre *Pedro* em (22) não deve ser confundido com o acento principal atribuído via NSR. O acento de Pedro está relacionado à sua função de foco

contrastivo que nega a parte da sentença que constitui a pressuposição. A pressuposição da sentença (22) *comprou um casaco amarelo* sofre um processo de desacentuação.

#### 1.4 Resumo do capítulo

Neste capítulo apresentamos inicialmente a definição de foco e de pressuposição de Jackendoff (1972): o foco de uma sentença é o constituinte que veicula a informação não-pressuposta e a pressuposição contém a informação compartilhada pelo falante e pelo ouvinte. O foco é definido em termos prosódicos como sendo a parte da sentença que contém a palavra de maior proeminência prosódica da sentença.

Foi feita também a distinção entre foco informacional, foco contrastivo e foco de identificação. Em linhas gerais, o foco informacional é identificado por meio de perguntas-wh, sendo a própria resposta à pergunta-wh. Para Zubizarreta (1998), o foco contrastivo é estabelecido por meio de uma *context statement* – uma afirmação de contexto – precedente no discurso. O foco contrastivo nega essa afirmação de contexto oferecendo uma afirmação alternativa. Nos termos de Kiss (1998), o foco de identificação representa um subconjunto exaustivo de um conjunto de elementos dados contextualmente, para os quais um predicado se aplica. Também foi feita a distinção importante entre foco de escopo largo – como resposta a uma pergunta do tipo *O que aconteceu?* – e foco de escopo estreito, que pode ser informacional ou contrastivo conforme seja resposta a uma pergunta-wh ou contraste a uma *context statement*, respectivamente.

Por fim, tratamos da relação entre foco e prosódia: o acento principal da sentença sempre recai sobre um elemento do constituinte focalizado. Esse acento depende das regras de acentuação de uma língua. No caso do inglês é a Regra de Acento Nuclear (*NSR-Nuclear Stress Rule*), que atribui o acento ao constituinte situado mais à direita na sentença. Zubizarreta (1998) faz uma revisão da NSR e estabelece duas subdivisões: a S-NSR (baseada na ordem de seleção) e a C-NSR (baseada na ordem de c-comando assimétrico). A autora traz ainda duas noções importantes para este trabalho: a de desacentuação e a de

invisibilidade métrica. Por meio dessas noções é possível atribuir o acento de foco a um elemento que não esteja situado na posição mais à direita na sentença.

## Capítulo II – Sintaxe da focalização

### 2.0 Introdução

Neste capítulo trataremos da sintaxe da focalização, apresentando as propostas de Rizzi (1997), Belletti (2002) e a proposta de Mioto (2003) para o PB.

Rizzi (1997) propõe um sistema CP mais articulado, composto por quatro categorias funcionais. Para este trabalho interessam as categorias TopP e FocP, que abrigam constituintes topicalizados ou focalizados situados na periferia esquerda da sentença. Em uma seção sobre objetos antepostos mostraremos como se dá a focalização de complementos na periferia esquerda da sentença.

Na linha de Rizzi, Belletti (2002) propõe que existe também na área interna a IP um sistema com categorias TopP e FocP. Para tanto a autora se baseia em dados de sentenças com sujeitos pós-verbais no italiano e sua interação com advérbios. Belletti conclui que elementos que ocupam a posição de foco na periferia esquerda são focos contrastivos, enquanto elementos que ocupam a posição de foco na área interna a IP são focos informacionais.

As duas seções seguintes apresentam as análises de Belletti (2002) para sentenças com ordens do tipo VSO, VOS e VSPP. Nas duas primeiras, sujeitos e objetos impedem mutuamente a checagem de Caso, resultando na agramaticalidade das sentenças. Em sentenças do tipo VSPP esse problema não existe, pois o PP é licenciado *in situ*.

A última seção sobre o trabalho de Belletti (2002) trata de sentenças com verbos ditransitivos. A autora estuda a interação entre os complementos verbais e o sujeito pós-verbal.

Por fim, Mioto (2003) traz dados do PB que reforçam a proposta de Belletti (2002) de uma posição de foco na área interna a IP. A conclusão do autor é semelhante à de Belletti para o italiano: elementos que ocupam a posição de foco na periferia esquerda recebem uma interpretação de foco contrastivo ou de identificação. Já a posição de foco interna a IP é ambígua.

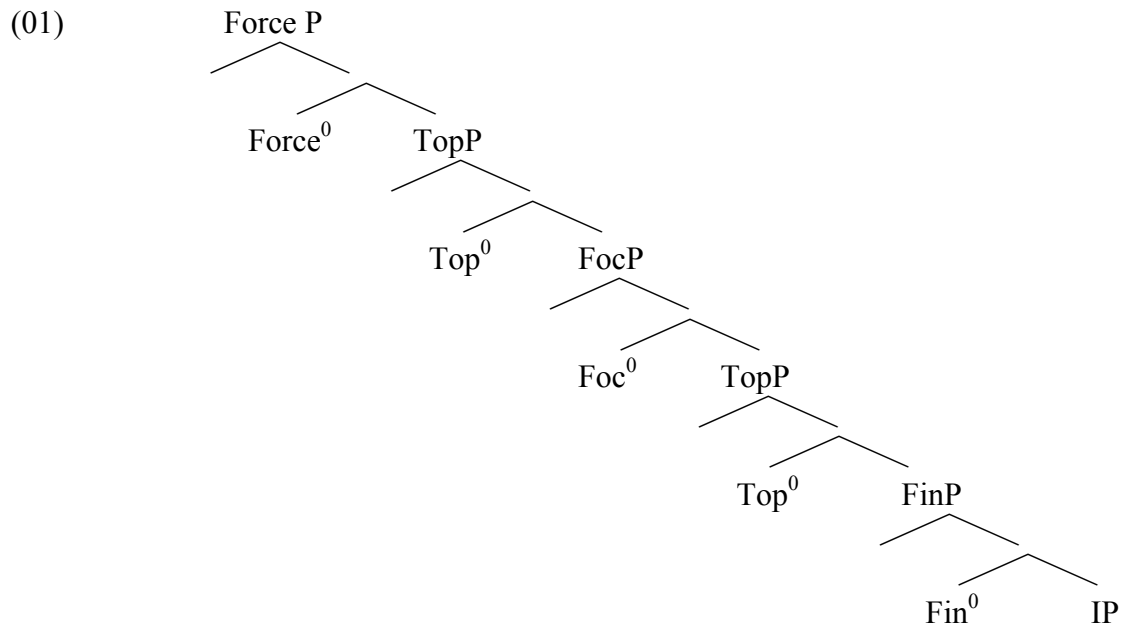
## 2.1 Rizzi (1997): Sistema CP

O sistema CP atua como interface entre o conteúdo proposicional expresso pelo IP e a estrutura superior, que pode ser uma outra sentença ou a sentença matriz, em articulação com o discurso. Com base no estudo da interação entre elementos que tipicamente ocupam a periferia esquerda da sentença, como pronomes interrogativos e pronomes relativos, elementos topicalizados e focalizados, Rizzi (1997) propõe que o sistema CP é na verdade uma estrutura complexa e postula uma série de categorias funcionais estruturadas conforme o modelo X-barra.

O sistema CP é composto de dois subsistemas. O primeiro subsistema é composto de ForceP e FinP. A categoria ForceP define o tipo de sentença (se é uma sentença interrogativa, declarativa, relativa, etc.) e sua relação com a estrutura superior. A categoria FinP relaciona o sistema CP com a estrutura inferior contida em IP, e codifica informações que expressam a finitude da sentença.

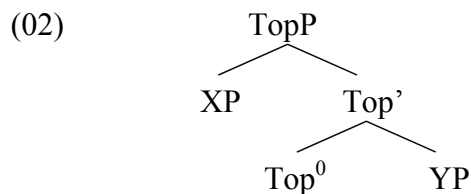
O segundo subsistema é composto de TopP e FocP e abriga constituintes como tópico e foco que estão na periferia esquerda da sentença. Os subsistemas tópico-comentário e foco-pressuposição aparecem na estrutura somente se forem ativados por um constituinte contendo traços de tópico ou foco e que precisa satisfazer algum critério Spec-Núcleo. Os subsistemas ativados situam-se entre ForceP e FinP, que ficam nas extremidades do sistema CP. O sistema CP é portanto composto por quatro categorias funcionais, que se estruturam conforme o modelo X-barra, projetando especificador e complemento, conforme apresentado a seguir.





Os elementos ocupam as diferentes posições do Sistema CP por meio de movimentos sintáticos que obedecem à noção “last resort”: um movimento ocorre somente se for motivado para satisfazer requerimentos de núcleos. Rizzi organiza esses requerimentos sob forma de Critérios<sup>8</sup>. Assim, todos os tipos de movimentos para a periferia esquerda têm que ser motivados para satisfazer algum Critério, ou seja, o elemento movido tem que estar em configuração Spec-núcleo.

As articulações tópico-comentário e foco-pressuposição são representadas sintaticamente conforme o modelo X-barra. A articulação tópico-comentário tem a seguinte estrutura:



XP = Tópico

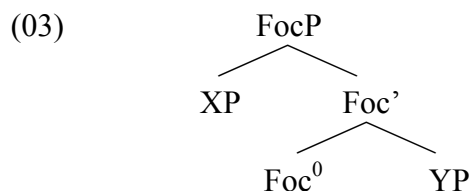
YP = Comentário

<sup>8</sup> Por exemplo, o Critério Foc (Miotto, 2003):

- (i) Um operador [Foc] deve estar em configuração Spec-Núcleo com um X<sup>0</sup> [+Foc].
- (ii) Um X<sup>0</sup> [+Foc] deve estar em configuração Spec-Núcleo com um operador [Foc].

Em (02) o núcleo funcional  $Top^0$  projeta especificador e complemento. O especificador é ocupado pelo tópico e o complemento pelo comentário.

A articulação foco-suposição tem a seguinte estrutura:



XP = Foco

YP = Suposição

Em (03) o núcleo funcional  $Foc^0$  projeta especificador e complemento. O especificador é ocupado pelo foco e o complemento pela suposição.

As articulações tópico-comentário e foco-suposição que envolvem a periferia esquerda da sentença são capturadas por  $TopP$  e  $FocP$ , respectivamente. A articulação tópico-comentário é representada em (04) (exemplos de Rizzi, 1997):

- (04) Your book, you should give t to Paul (not to Bill).  
 (Seu livro, você deveria dar para Paulo (não para Bill)).

O tópico é o constituinte preposto *Your book* que é separado do resto da sentença por uma pausa e veicula a informação já conhecida. O comentário é tudo o que vem após a vírgula e expressa um predicado que se aplica ao tópico.

A articulação foco-suposição é representada em (05).

- (05) YOUR BOOK you should give t to Paul (not mine).  
 (SEU LIVRO você deveria dar t a Paulo (não o meu)).

O elemento **YOUR BOOK** contém um acento proeminente e expressa a informação do discurso não suposta pelo ouvinte. O restante da sentença constitui a suposição, que é o conhecimento compartilhado pelos interlocutores. O contraste *not mine* entre

parênteses garante que o elemento que está sendo focalizado na sentença é o constituinte YOUR BOOK.

Em (04) o DP topicalizado *Your book* é gerado no especificador de TopP na periferia esquerda da sentença. Já em (05) o elemento focalizado YOUR BOOK sofre movimento para o Spec de FocP na periferia esquerda. Isso fica evidenciado por meio das construções envolvendo ilhas representadas em (06) (exemplos de Quarezemin, 2005).

- (06) a. \*[<sub>FocP</sub> O caderno<sub>i</sub>] eu conheço a menina [<sub>ilha</sub> que comprou t<sub>i</sub>].  
 b. [<sub>TopP</sub> O caderno], eu conheço a menina [<sub>ilha</sub> que comprou ele].

(06a) é uma sentença agramatical porque o constituinte *o caderno* não pode se deslocar para a periferia esquerda da sentença passando por cima de uma ilha relativa. Em (06b) o constituinte *o caderno* é o tópico e não está na periferia esquerda da sentença por movimento. A sentença (06b) não sofre os efeitos de ilha e é gramatical.

### 2.1.1 Construções com objeto anteposto

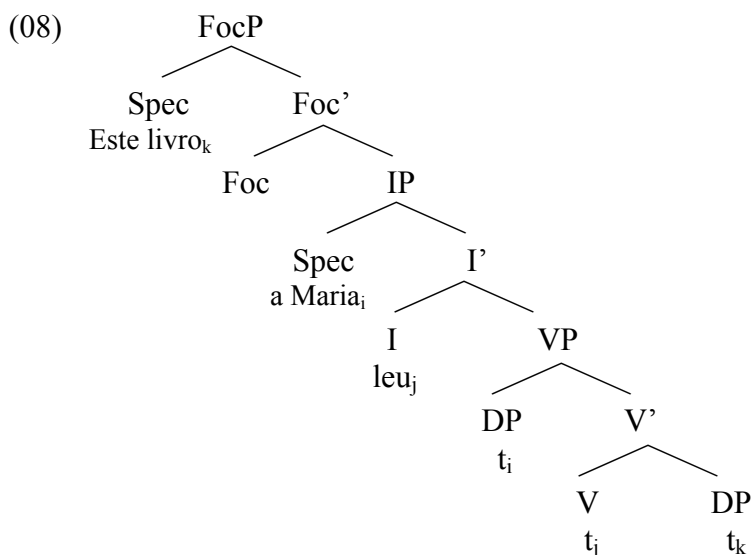
Nesta seção são analisados alguns casos de focalização de complementos situados na periferia esquerda da sentença, e que portanto ocupam a posição de Spec/FocP no sistema CP proposto por Rizzi (1997).

- (07) a. [<sub>F</sub>O livro] a Maria leu.  
 b. [<sub>F</sub>Este livro] a Maria leu.  
 c. [Este livro] a Maria leu (não uma revista).

Os elementos focalizados em a, b, c são focos contrastivos, o que indica que a posição ocupada pelo objeto direto é uma posição de foco contrastivo.

O objeto deslocado em b também pode ser interpretado como foco de identificação (Kiss, 1998).

O objeto deslocado ocupa a posição Spec/FocP da periferia esquerda da sentença como na representação sintática a seguir.

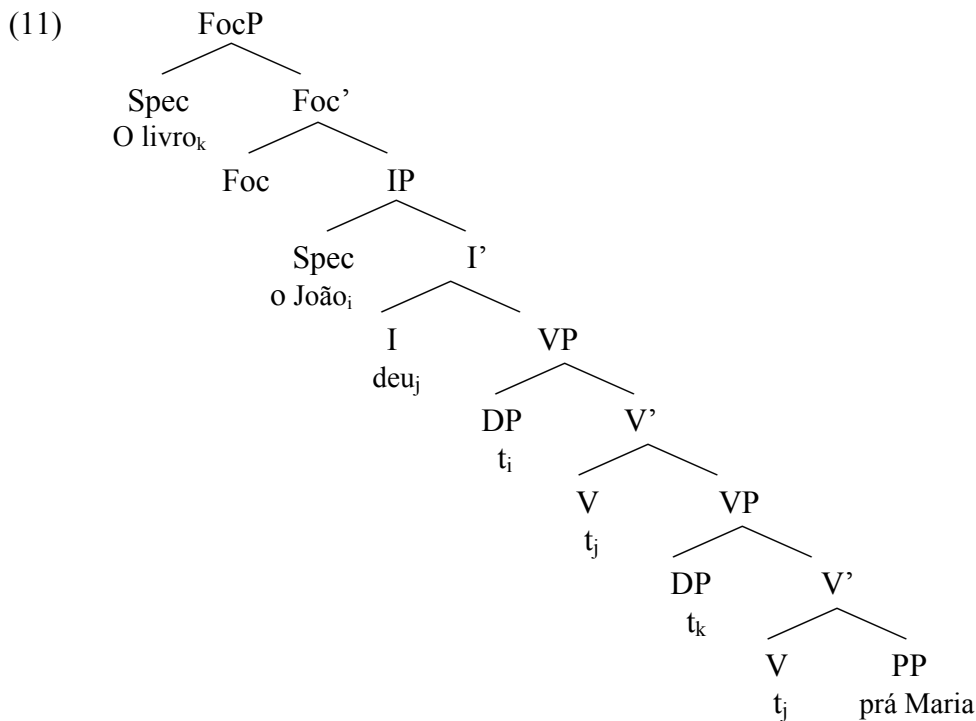


Em (08), o especificador de FocP é preenchido pelo objeto focalizado que, segundo o Critério Foco, deve estar em configuração Spec-Núcleo com Foc.

(09) e (10) apresentam sentenças com dois complementos. Em (09) o objeto direto está anteposto. Em (10), o objeto indireto. Aqui também as sentenças em a e b contêm um elemento anteposto que possui interpretação contrastiva, indicando que a posição Spec de FocP na periferia esquerda é de fato uma posição de foco contrastivo (ou de foco de identificação, nos termos de Kiss, 1998).

- (09) a.?[<sub>F</sub>O livro] o João deu prá Maria.  
 b.[<sub>F</sub>O livro] o João deu prá Maria (não a revista).
- (10) a.?[<sub>F</sub>Prá Maria] o João deu o livro.  
 b.[<sub>F</sub>Prá Maria] o João deu o livro (não prá Joana).

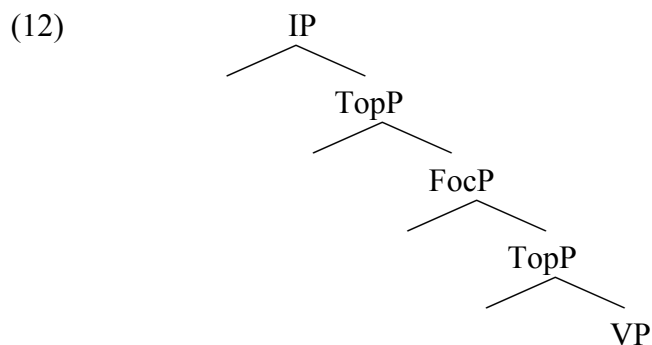
No caso de construções com dois complementos a estrutura sintática é semelhante, com a presença da projeção FocP no sistema CP. Para abrigar os dois complementos optamos pela VP-shell (Larson 1988). Na estrutura sintática abaixo está representada a sentença (09).



Em (11) o objeto direto anteposto ocupa o Spec/FocP no sistema CP. O objeto indireto permanece na posição em que foi gerado.

## 2.2 Belletti (2002) – Área interna a IP

Seguindo a mesma linha de Rizzi (1997), Belletti (2002) propõe, a partir da análise de sujeitos pós-verbais no italiano, que na área interna a IP existem posições de Foco e Tópico, de modo paralelo ao que ocorre na periferia esquerda da sentença. Como há diferenças entre as entoações e as interpretações dos elementos que ocorrem na periferia esquerda da sentença e na área interna a IP, a autora propõe que tanto as entoações quanto as interpretações são lidas da configuração sintática. A estrutura apresentada por Belletti é a seguinte:



Belletti fundamenta sua proposta de uma estrutura para a área interna a IP contendo diversas projeções para Foco e Tópico no estudo do fenômeno da inversão do sujeito, comum nas línguas românicas. Mencionaremos aqui alguns dos dados analisados pela autora, que se concentra sobre a análise do italiano e do francês. O chamado fenômeno da Inversão Livre do Sujeito (*Free Subject Inversion*, doravante FI) é característico de línguas de sujeito nulo e está de alguma forma relacionado à possibilidade de o sujeito pré-verbal não ser foneticamente realizado. O francês, no entanto, dentre as línguas românicas, caracteriza-se por não ser uma língua de sujeito nulo e por não possuir, conseqüentemente, a FI. O fenômeno de inversão de sujeito que ocorre no francês é denominado Inversão Estilística (Kayne & Pollock, 1978, *apud* Belletti 2002) (*Stylistic Inversion*, doravante SI) e, segundo Belletti, possui propriedades diferentes da FI, notadamente a necessidade de um “gatilho” desencadeador da inversão do sujeito (por exemplo, um elemento *wh* ou um subjuntivo). Vejamos a seguir exemplos de Belletti que mostram o contraste entre o italiano e o francês:

- (13) a. Ha parlato Gianni  
 Tem falado Gianni  
 Falou Gianni
- b. É partito Gianni  
 É partido Gianni  
 Partiu Gianni

- (14) a. \*A parlé Jean

Tem falado Jean

Falou Jean

b. \*Est parti Jean

É partido Jean

Partiu Jean

Já nos exemplos a seguir, é a presença de um elemento desencadeador de inversão do sujeito (wh, em (15)a, e subjuntivo, em (15)b) que torna possíveis os exemplos do francês:

- (15) a. Le jour où a parlé/est parti Jean  
 O dia quando tem falado/é partido Jean  
 O dia em que falou/partiu Jean
- b. Il faut que parle/perte Jean  
 É necessário que fale/parta Jean

Em análise mais recente, Kayne & Pollock (2001) afirmam que no caso da SI o sujeito é movido para uma posição na periferia esquerda da sentença, ocupando portanto um lugar bastante alto na estrutura, e o IP remanescente se move para uma posição ainda mais alta que a do sujeito. Na FI, ao contrário, o sujeito ocupa uma posição baixa na estrutura, como mostra a autora por meio da análise de alguns dados.

- (16) a. ?Capirà/Spiegherà completamente Maria (al direttore)  
 entenderá/explicará completamente a Maria (pro diretor)
- b. ?Capirà/Spiegherà bene Maria (al direttore)  
 entenderá/explicará bem a Maria (pro diretor)
- c. Capirà/spiegherà tutto Maria (al direttore)  
 entenderá/explicará tudo a Maria (ao diretor)

- (17) a. \*Capirà/Spiegherà Maria completamente (al direttore)  
entenderá/explicará a Maria completamente (pro diretor)
- b. \*Capirà/Spiegherà Maria bene (al direttore)  
entenderá/explicará a Maria bem (pro diretor)
- c. \*Capirà/spiegherà Maria tutto (al direttore)  
entenderá/explicará a Maria tudo (ao diretor)

A entoação das sentenças acima é não-marcada. Os advérbios *completamente*, *bene* e *tutto* ocupam posições baixas na sentença. Nas sentenças (16)a,b, relativamente bem-formadas no italiano, o sujeito *Maria* ocorre depois dos advérbios e de *tutto*. A interrogação diante dessas sentenças se deve provavelmente à interferência do adjunto entre o sujeito e o verbo, idealmente adjacentes. Já a sentença com *tutto* (16)c é gramatical. A autora considera que *tutto* é movido na sentença deixando a sua posição de origem, e por essa razão sua presença não causa interferência entre o sujeito e o verbo. Nas sentenças (17)a,b,c, o sujeito *Maria* ocorre antes dos advérbios e de *tutto* e as sentenças são agramaticais.

O contraste entre (16) e (17) revela que o sujeito pós-verbal deve ocupar uma posição baixa na área interna a IP. Além disso, os exemplos em que o sujeito é seguido de um PP (*al direttore*) são significativos, pois indicam que existem posições após o sujeito e portanto ainda mais baixas na sentença.

O principal argumento de Belletti em favor de uma posição de sujeito interna a IP está relacionado a questões de interpretação. O sujeito pós-verbal pode ser interpretado tanto como foco informacional quanto como tópico, dependendo da entoação e das condições pragmáticas.

- (18) a. Chi è partito/ha parlato?  
Quem é partido/tem falado?  
Quem partiu/falou?



- b. È partito/ha parlato Gianni  
 é partido/tem falado Gianni  
 partiu/falou Gianni
- c. #Gianni è partito/há parlato  
 Gianni é partido/tem falado  
 Gianni partiu/falou

Nos pares pergunta-resposta (18)a,b,c acima, é o sujeito pós-verbal em b que recebe a interpretação de foco informacional. O sujeito pré-verbal em c não recebe essa interpretação no italiano. (18)b também pode ser a resposta de uma pergunta como *Che cosa è successo* (O que aconteceu?), porém aqui a sentença inteira é o foco informacional.

A autora menciona ainda que em outro contexto entoacional e pragmático o sujeito pós-verbal pode receber interpretação de tópico.

- (19) a. Che cosa ha poi fatto Gianni?  
 O que tem finalmente feito o Gianni?
- b. Ha (poi) parlato, Gianni  
 Tem (finalmente) falado, o Gianni

A conclusão de Belletti é que se há um sujeito pós-verbal baixo na estrutura e se esse sujeito recebe uma interpretação de foco, então deve haver uma posição específica para o foco (e também para o tópico) dentro do IP.

Para reforçar a idéia de que o sujeito pós-verbal de fato ocupa uma posição dentro do IP e não na periferia esquerda da sentença, a autora discute ainda alguns dados referentes a item de polaridade negativa.

- (20) a. Non conosco alcun lingüista.  
 Não conheço qualquer lingüista.

- b. Non parlerá alcun lingüista.  
 Não falará qualquer lingüista.
- c. \* Alcun linguista non parlerá.  
 Qualquer lingüista não falará.

Nas sentenças em (20) o NP pós-verbal é um item de polaridade negativa (IPN), que é licenciado pelo marcador negativo *non* por meio de c-comando. A relação de c-comando entre o IPN e o *non* ocorre nas sentenças a e b. Já a sentença c é agramatical porque o IPN *alcun linguista* não é c-comandado por *non*.

Finalizemos aqui a discussão feita em Belletti (2002) sobre a interpretação das posições de foco na periferia esquerda e na área interna a IP. No italiano, a posição de foco na periferia esquerda da sentença é associada a uma interpretação contrastiva/corretiva e possui um acento característico. Os elementos que ocupam a posição de foco da área interna a IP recebem a interpretação de foco informacional e outro acento. Isso fica claro nos exemplos (21)b e (22)b, que não são respostas adequadas às perguntas em (21)a e (22)a.

- (21) a. Chi è partito / ha parlato ?  
 Quem partiu/falou?
- b. \*GIANNI è partito/ha parlato.  
 JOÃO partiu/falou.
- (22) a. Che cosa hai letto?  
 O que (você) leu?
- b. \*Il LIBRO ho letto (non il giornale).  
 O livro (eu) li (não o jornal).

Para Belletti (2002), esses fatos corroboram a idéia de que existe uma posição de foco na área interna diferente da posição de foco na periferia esquerda proposta por Rizzi

(1997). Além disso, a ordem VS na FI não é obtida através de um processo de movimento de uma parte de IP sobre um sujeito alto na periferia esquerda, como é o caso da SI.

Em trabalho anterior (Belletti, 1999), a autora considera que o sujeito vai para a posição SpecFocP para receber traço de Foco, o que é necessário para seu licenciamento, considerando que na área interna a IP o sujeito não tem como checar seu Caso se isso só puder ser feito localmente. Segundo versões mais recentes da teoria, o Caso pode ser checado não-localmente, e então o licenciamento do sujeito estaria resolvido dentro mesmo do IP. Assim, Belletti propõe que alguma razão relacionada a economia estaria em jogo no processo de focalização do sujeito.

Nas estruturas com sujeitos pós-verbais, existe um *pro* expletivo não visível preenchendo a posição de sujeito pré-verbal (satisfazendo EPP).

(23) *pro* ha parlato Gianni  
falou João

Estruturas com sujeito pós-verbal contêm um elemento *a* mais (o *pro*) do que estruturas com sujeito pré-verbal. A seleção do Arranjo Lexical inicial (*Lexical Array*) (Chomsky, 2000, *apud* Belletti)<sup>9</sup> é regulada por um princípio de economia em que um Arranjo Lexical maior só pode ser escolhido se houver um propósito. A focalização (ou a topicalização) poderia ser esse propósito. Nesse caso, a focalização (ou a topicalização) do sujeito pós-verbal pode ser derivada sem que seja necessário admitir o licenciamento pelo traço de Foco (problemático para a teoria, pois se admitiria ao traço de Foco um status semelhante ao traço de Caso).

### 2.2.1 Ordens VOS/VSO

Para entender as possibilidades de ordenação dos complementos verbais de verbos ditransitivos em interação com sujeito pós-verbal, é preciso verificar antes o que ocorre nos

---

<sup>9</sup> CHOMSKY, N. (2000) “Minimalist Inquiries: The Framework”. In: R. Martin, D. Michaels & J. Uriagereka. (Eds.). *Step by Step – Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press.

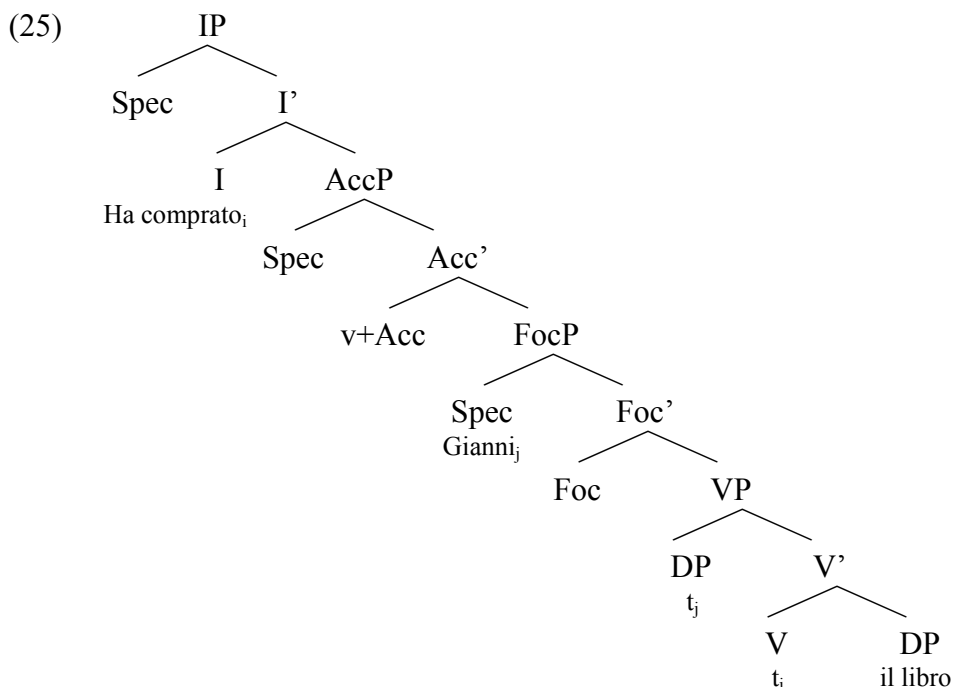
casos em que um sujeito em posição pós-verbal interage com apenas um objeto selecionado pelo verbo, seja um objeto direto (V S O ou V O S) ou indireto preposicionado (V S PP ou V PP S).

Os dados de Belletti mostram que no italiano o sujeito pós-verbal em sentenças não marcadas é sempre foco informacional e é licenciado no SpecFocP interno a IP. Porém é preciso verificar como esse sujeito interage quando um complemento verbal está presente, e o que ocorre se esse complemento verbal é que é focalizado.

Os exemplos a seguir mostram a agramaticalidade de sentenças com a ordem VSO no italiano.

- (24) a \*Capirà Gianni il problema.  
           entenderá o João o problema.  
       b \*Ha spedito Maria la lettera.  
           Mandou a Maria a carta.

Segundo a proposta de análise de inversão do sujeito de Belletti (2002) que tratamos anteriormente, o sujeito focalizado se move para o SpecFocP. O V se move para o núcleo de IP acima de SpecFocP produzindo a ordem VS. Resta licenciar o objeto em alguma posição funcional de Spec. A estrutura em (25) apresenta a derivação da sentença VSO *\*Ha comprato Gianni il libro* proposta por Belletti (Quarezemin, 2005).



Na estrutura em (25) o objeto é gerado em SpecVP e deve checar o seu Caso acima de FocP, na categoria AccP. Para chegar nessa posição ele tem que cruzar com o sujeito pós-verbal. Segundo Belletti isso não é possível porque viola a Minimalidade Relativizada, pois tanto o sujeito quanto o objeto são DPs. Na verdade, esse problema também ocorre com as sentenças de ordem VOS em que o verbo e o objeto não são topicalizados, como veremos mais adiante, pois nelas o objeto é que impede a checagem de Caso pelo sujeito.

A possibilidade de o objeto ser licenciado pelo traço de Foco está excluída nas sentenças com inversão de sujeito do italiano porque justamente o sujeito é licenciado por esse traço e só há lugar para um elemento em SpecFocP. Em sentenças com sujeitos pré-verbais esse problema não surge porque o sujeito continua seu movimento e na representação final ele termina mais alto do que o objeto.

Como vimos no exemplo (24), a ordem VSO de fato não é aceita no italiano. Segundo a análise acima, a ordem VSO não pode ser gerada porque devido ao S licenciado no SpecFocP o O fica “bloqueado” dentro do VP de onde não pode sair devido à RM.

A ordem VOS é possível em italiano em um contexto muito específico, sendo apenas muito marginalmente aceita em sentenças com entoação não-marcada, como atestam os exemplos a seguir, todos marcados com “??”:<sup>10</sup>

- (26) a ??Capirà            il problema   Gianni.  
           Vai entender   o problema   o João.  
 b ??Ha spedito   la lettera   Maria.  
           Mandou        a carta a   Maria.  
 c ??Ha chiamato   Maria     Gianni.  
           Chamou        a Maria     o João.

Os dados do italiano em (24) e (26) mostram que os falantes atribuem um status um pouco menos marginal à ordem VOS do que à ordem VSO, que é agramatical. É provável que alguma entoação particular esteja em jogo, bem como certas condições pragmáticas. Por outro lado, é importante ressaltar que outras línguas românicas, como o espanhol e o romeno, admitem a ordem VSO, como veremos mais adiante.

Segundo Belletti, um contexto em que a ordem VOS é possível, ainda que redundante e pouco natural, é aquele que surge como resposta a uma pergunta, e nessa resposta toda a informação dada/pressuposta é repetida, no caso de sentenças VOS sendo constituída pelo V e pelo O. Consideremos os seguintes pares pergunta-resposta:

- (27) a. Chi ha capito il problema?  
           Quem entendeu o problema?  
 b. Ha capito il problema Gianni.  
           Entendeu o problema o Gianni.

---

<sup>10</sup> Belletti comenta que a ordem VOS é em geral considerada marginal por violar uma restrição de adjacência segundo a qual não pode haver nenhum elemento entre V e S. Isso também está relacionado na teoria à necessidade de adjacência para a atribuição de Caso, assumindo-se que o sujeito pós-verbal poderia receber marcação de Caso diretamente na posição baixa/invertida sob regência de um núcleo funcional atribuidor de Caso, às vezes identificado como T. Entretanto, conforme uma concepção mais recente, não parece ser provável que um atribuidor de Caso nominativo (T) poderia ser realmente o núcleo funcional mais próximo de sujeito baixo/invertido. Além disso, a análise de adjacência para a atribuição de Caso não explica porque uma seqüência VSO é julgada completamente impossível no italiano, como discutimos há pouco.

c. Chi spedirà la lettera?

Quem mandará a carta?

d. Spedirà la lettera Maria.

Mandarà a carta a Maria.<sup>11</sup>

Para a autora, essa única interpretação possível é associada à seguinte análise: o sujeito ocupa o SpecFocP, onde recebe o traço de Foco, e o constituinte dado/presuposto contendo V+O se move para o SpecTopP, acima de FocP. Essa topicalização pode ser considerada análoga à *remnant topicalization* (topicalização remanescente) que acontece nas línguas germânicas. A autora considera que esse processo acontece dentro da sentença e que provavelmente é o que torna a ordem VOS aceitável (ainda que marginalmente) pelos falantes. Se quiséssemos licenciar o O no SpecFocP, deixando o sujeito interno à sentença (sujeito pós-verbal), produzindo VOS com o objeto focalizado, teríamos, dessa vez, um S sem ser licenciado nem por Caso nem por Foco, o que resultaria uma sentença agramatical.

### 2.2.2 Ordem V S PP

Os seguintes casos são considerados pela autora como sendo praticamente pares mínimos.

(28) a. (?) Ha telefonato Maria al giornale.

Telefonou a Maria pro jornal.

b. \*Ha comprato Maria il giornale.

Comprou a Maria o jornal.

---

<sup>11</sup> As respostas mais naturais às perguntas em (X10) teriam a cliticização do objeto:

b' L'ha capito Gianni.

O entendeu o João.

d' La spedirà Maria.

A mandará a Maria.

- c. (?) Ha parlato uno studente col direttore.  
Falou um estudante com o diretor.
- d. \*Ha corrotto uno studente il direttore.  
Subornou um estudante o diretor.
- e. (?) Ha sparato il bandito al carabiniere.  
Disparou o bandido no policial.
- f. \*Ha colpito il bandito il carabiniere.  
Bateu o bandido (n)o policial.

Belletti compara em (28) sentenças não aceitas na ordem VSO com sentenças aceitas na ordem V S PP (ainda que aceitas com ressalva). O contraste entre objetos diretos e objetos preposicionados se dá porque PPs, diferentemente de DPs objeto direto, são licenciados *in situ* e não precisam se mover para uma posição externa a VP. Melhor dizendo, é o DP dentro do PP que precisa de Caso, e esse Caso é checado dentro do próprio PP, devido à presença de P. A ordem V S PP é obtida deixando-se o PP em sua posição de base dentro do VP. No entanto, resta explicar porque as sentenças V S PP são julgadas pelos falantes como levemente marginais. A explicação para esse fato será dada juntamente com a análise dos inacusativos, mais adiante.

### 2.2.3 Ordem VSO em outras línguas românicas

Estudos sobre sujeitos pós-verbais no espanhol mostram que a ordem VSO é possível nessa língua (Zubizarreta, 1998). VSO também é uma ordem possível no romeno (Motapanyane<sup>12</sup>, 1995, *apud* Belletti).

---

<sup>12</sup> MOTAPANYANE, V. (1995) Theoretical implications of complementation in Romanian. Padova: Unipress.

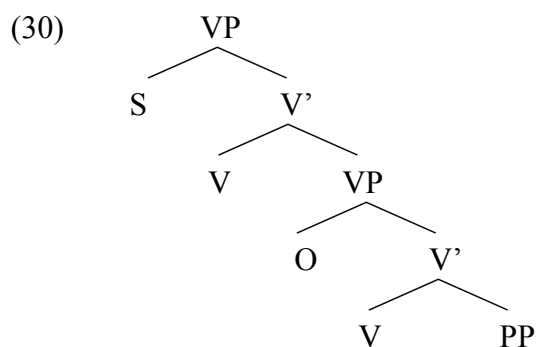


- (29) a. Todos los días compra Juan el diario. (Zubizarreta (1998))  
 Todos os dias compra o João o jornal.
- b. O invita cam des Ion pe fata acesta. (Motapanyane (1995), *apud* Belletti)  
 her invites quite often Ion ‘pe’ girl the-that  
 (Ion invites that girl quite often)

No espanhol, diferentemente do italiano, um sujeito pós-verbal em ordem VSO não é necessariamente o foco informacional. Para Belletti, se o sujeito em situação de inversão no espanhol nem sempre é o foco da sentença, deve haver alguma posição diferente de SpecFocP na área interna a IP que irá licenciar o sujeito. Belletti assume a proposta de Zubizarreta, que considera que existe um licenciador de Caso no espanhol – uma posição de Caso extra - diferente da pré-verbal, onde o Caso nominativo pode ser checado. Essa posição deve estar relativamente alta na sentença, mais alta que a posição externa a VP onde o objeto direto é licenciado. Assim, tanto S quanto O seriam licenciados em espanhol e em línguas similares (línguas VSO) com sentenças VSO através do Caso.

#### 2.2.4 Argumentos múltiplos

Em discussão sobre o que chama de reordenação de argumentos múltiplos, Belletti (1999) propõe a seguinte estrutura para abrigar verbos com dois complementos:



Os exemplos a seguir, apresentados pela autora, são de sentenças do italiano com o verbo *dare*, que seleciona um objeto direto e um objeto indireto preposicionado. Assim como no português, as duas ordens V OD OI e V OI OD são possíveis, sendo a primeira considerada a ordem básica e não-marcada.

- (31) a. Ho dato/Gianni ha dato un libro a Maria.  
 (Eu) dei/O João deu um livro prá Maria.  
 b. Ho dato/Gianni ha dato a Maria un libro.  
 (Eu) dei/O João deu prá Maria um livro.

Belletti analisa a interação entre o sujeito pós-verbal e os complementos verbais. Sentenças com a ordem V OD OI S são aceitáveis (ainda que marginalmente) somente se o conjunto V OD OI (o VP remanescente) for interpretado como informação dada/pressuposta e o sujeito pós-verbal S como informação nova. Em todos os exemplos da autora apresentados a seguir a entoação é sempre normal, não-marcada e sem pausas.

- (32) a. ?Ha dato un libro a Maria Gianni.  
 Deu um livro prá Maria o João.  
 b. ?Ha messo il libro sul tavolo Maria.  
 Colocou o livro sobre a mesa a Maria.

Para Belletti, as sentenças em (32) podem receber o mesmo tratamento que as sentenças V OD S, em que o conjunto V OD é a informação pressuposta e vai para o

SpecTopP. No caso de (32), a mesma análise considera desta vez o conjunto V OD OI como informação pressuposta e que portanto vai para a posição SpecTopP, enquanto o sujeito focalizado vai para SpecFocP.

Nas sentenças em (33) há uma mudança na ordem dos complementos que resulta em agramaticalidade.

- (33) a. \*Ha dato a Maria un libro Gianni.  
 Deu prá Maria um livro o João.
- b. \*Ha messo sul tavolo il libro Maria.  
 Colocou na mesa o livro a Maria.
- c. \*Ha dato a Maria Gianni un libro.  
 Deu prá Maria o João um livro.

Belletti & Shlonsky (1995) (doravante B&S) consideram que a agramaticalidade de (33)a,b se deve ao fato de que o sujeito pós-verbal e o objeto posposto provavelmente competem pela mesma posição. Não há nenhuma melhora quando a ordem do objeto direto e a do sujeito invertido é trocada, como em (33)c. É a mesma situação das sentenças V S O.

Vale mencionar/relembrar neste ponto que B&S partem do pressuposto de que a ordem V NP PP no italiano é a ordem básica, não marcada, e que a ordem V PP NP é uma ordem marcada, justamente por que se trata de um caso de focalização. Os autores propõem então que a mesma posição SpecFocP abriga objetos pospostos e sujeitos pospostos.<sup>13</sup>

Vejamos os pares pergunta-resposta (B&S).

---

<sup>13</sup> B&S mencionam que também em estruturas contendo small clauses adjetivas, nas quais se tem a ordem V Adj NP, onde NP é o sujeito da small clause, a posposição do sujeito da sentença matriz produz sentenças agramaticais, como mostra o contraste entre os exemplos (b) e (c) a seguir.

- (i) a. Gianni considera a Maria inteligente.  
 O João considera a Maria inteligente.
- b. Gianni considera inteligente Maria.  
 O João considera intellegente a Maria.
- c. \*Considera inteligente Maria Gianni.  
 Considera inteligente a Maria o João.

A não-aceitabilidade de (i)c deve ser comparada à de (XX3)a,b,c. No caso de (i)c, a competição se dá entre os sujeitos pospostos da sentença matriz e da small clause.

- (34) a. Che cosa            hai restituito a Maria?  
       O que    (você) devolveu    prá Maria?
- b.    Ho restituito a Maria    le chiavi.  
 (Eu) devolvi            prá Maria as chaves.
- b'    #Ho restituito le chiavi a Maria.  
 (Eu) devolvi            as chaves    prá Maria.

Se um sujeito lexical pronunciado estiver presente na pergunta, ele surge na resposta em posição pré-verbal (Belletti, 1999).

- (35) a. Che cosa ha restituito a Maria Gianni?  
       O que    devolveu    prá Maria o João?
- b. Gianni    ha restituito a Maria    le chiavi.  
       O João    devolveu    prá Maria as chaves.

Tanto em (34) quanto em (35) o objeto direto *le chiavi* é a informação nova. Consideremos então que é ele quem ocupa a posição SpecFocP em (34)b e (35)b. Se lembrarmos que no italiano o sujeito em posição pós-verbal é sempre o foco informacional, contendo portanto a informação nova da sentença, compreendemos porque ele surge na resposta (35)b em posição pré-verbal: nessa posição ele não concorre com o objeto, que é o foco informacional das sentenças em questão. Na mesma linha do que ocorre nas sentenças V O S do italiano, o conjunto V PP (o VP remanescente) que contém a informação dada/pressuposta vai para a posição de SpecTopP, o objeto direto focalizado vai para SpecFocP. O sujeito vai para o SpecIP, sua posição tradicional em sentenças SVO. A seguir, a derivação de (35)b:

- (36) [Gianni ha. [ TopicP [k e<sub>i</sub> restituito e<sub>j</sub> a Maria] [FocusP [jle chiavi] [TopicP [VP e<sub>k</sub> ]]]..]  
 Gianni..... tem.....devolvido prá Maria as chaves.  
 Gianni devolveu prá Maria as chaves.

### 2.3 Focalização no PB (Miotto 2003)

Como vimos, existe uma posição de foco na periferia esquerda da sentença (Rizzi, 1997) e uma posição de foco na área interna a IP (Belletti, 2002). Em ambos os casos, um constituinte é interpretado como foco quando está em configuração Spec-núcleo com Foc.

O constituinte focalizado pode estar *in situ*, como em (37)a, ou deslocado para a periferia esquerda da sentença, como em (37)b e (37)c (exemplos de Miotto, 2003).

- (37) a. O que o João comprou?  
 b. O João comprou [<sub>F</sub>aquele carro].  
 c. [<sub>F</sub>Aquele carro] o João comprou.  
 d. [<sub>F</sub>Aquele carro] que o João comprou.

Quando deslocado, o foco pode ser seguido do complementizador *que*. Das sentenças em (37), apenas a sentença em (37)b responde adequadamente a pergunta em (37)a. No entanto, o foco *in situ* na sentença (37)b é ambíguo, pois pode ter também a interpretação de foco de identificação (Kiss, 1998) e de foco contrastivo (se tiver, por exemplo, uma continuação como em (38)):

- (38) ...e não aquele avião.

Segundo Miotto, o que deve ser ressaltado é o fato de que a interpretação de foco informacional não está disponível para as sentenças em (37)c e (37)d. Nessas sentenças, as interpretações possíveis são de foco contrastivo ou de identificação. Esses dados levam a crer que o foco deslocado para a periferia esquerda da sentença não é informacional, mas sim contrastivo ou de identificação. Miotto apresenta outros dados que confirmam essa hipótese, como é o caso das sentenças pseudoclivadas em (39).

- (39) a. O que o João comprou foi [<sub>F</sub>aquele carro].

- b. Foi [<sub>F</sub>aquele carro] o que o João comprou.
- c. [<sub>F</sub>Aquele carro] foi o que o João comprou.

(39)a é uma pseudoclivada ordinária e o constituinte focalizado se encontra *in situ*. Ela pode responder adequadamente à pergunta em (37)a *O que o João comprou?*, caracterizando-se como foco informacional. Entretanto, as interpretações de contrastividade e identificação também se aplicam a (39)a, o que mostra mais uma vez que o foco *in situ* é ambíguo. Em (39)b o foco também está depois da cópula, como ocorre com (39)a. Assim em (39)b o foco também está *in situ* e a predição é a mesma de (39)a. A pseudoclivada invertida em (39)c apresenta o constituinte focalizado antes da cópula, posição que não é natural para foco de informação. Segundo Miotto, uma sentença pseudoclivada é uma equativa cujo predicado é o foco. O fato de o foco se apresentar antes da cópula leva à conclusão de que ele está deslocado, o que corrobora o fato de que a posição de foco na periferia esquerda da sentença não é ocupada por foco informacional.

Por fim, Miotto analisa as sentenças clivadas em (40).

- (40) a. Foi [<sub>F</sub>aquele carro] que o João comprou.
- b. [<sub>F</sub>Aquele carro] foi que o João comprou.

O foco das sentenças clivadas em (40) tem que ser interpretado como contrastivo ou de identificação, não sendo possível a interpretação de foco informacional (não são respostas adequadas para a pergunta (37)a *O que o João comprou?*). Se consideramos que a posição de foco *in situ* é a posição de foco informacional, então nas sentenças clivadas (40)a e (40)b o foco está deslocado. Apesar de estar depois da cópula, *aquele carro* em (39)a ocupa uma posição estruturalmente diferente da que ocupa em (40)a e (40)b: o foco em (40)a está deslocado para a periferia esquerda da sentença encaixada; o foco em (40)b está deslocado para a periferia esquerda da sentença matriz. Além disso, sentenças pseudoclivadas e clivadas têm estruturas diferentes. A clivada tem um complementizador preenchendo o CP encaixado enquanto a pseudoclivada apresenta uma expressão-wh.

Finalmente, Miotto apresenta um fato do PB que comprova que a focalização é um processo que resulta da relação Spec-núcleo e não de um processo de adjunção.

- (41) a. [<sub>F</sub>O João] a Maria disse que encontrou no cinema.  
 b. [<sub>F</sub>O João] que a Maria disse que encontrou no cinema.

Em (41)b, o *que* é um complementizador que está ligado ao deslocamento de *o João*, objeto de *encontrar*, para a periferia esquerda da sentença matriz. A relevância dessa relação entre foco e complementizador é mostrada no exemplo em (42).

- (42) \*Que a Maria disse que encontrou [<sub>F</sub>o João] no cinema.

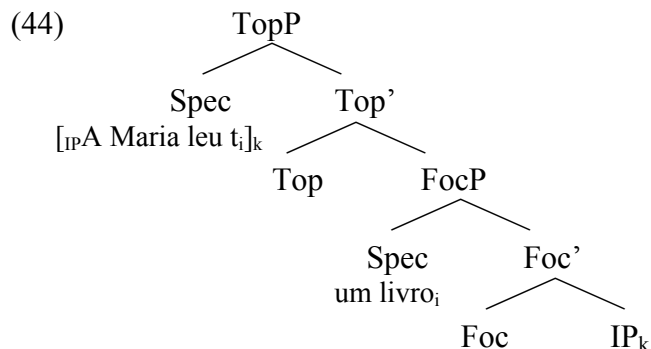
Em (41)b o *que* preenche o núcleo Foc, entrando em relação Spec-núcleo com o elemento focalizado *o João*. Já em (42) o *que* preenche o núcleo de CP e o elemento focalizado *o João* permanece *in situ*. A agramaticalidade da sentença em (42) mostra a interdependência entre o elemento focalizado e o complementizador.

Em resumo, Miotto afirma com base nos dados do PB que existe uma posição para o elemento focalizado tanto na periferia esquerda da sentença quanto na área interna a IP. Elementos que ocupam o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença recebem a interpretação de foco contrastivo ou de identificação. Elementos que ocupam o Spec de FocP interno a IP têm interpretação ambígua.

Para eliminar essa ambigüidade, Miotto propõe que um elemento com foco contrastivo ou identificacional, deslocado ou *in situ*, deve ocupar o Spec de FocP da periferia esquerda da sentença. Um elemento com foco informacional ocupa sempre o Spec de FocP da área interna a IP.

Em consequência disso, se um elemento com foco contrastivo ou identificacional estiver *in situ*, ele deverá ocupar o Spec de FocP da periferia esquerda da sentença. O IP remanescente deverá se mover para o Spec de TopP (*remnant movement*). Para exemplificar, apresentamos a sentença (43) e sua derivação em (44) (exemplos de Quarezemin, 2005).

(43) A Maria leu [<sub>F</sub>um livro] (não uma revista).



Em (44) o constituinte focalizado se move para o Spec de FocP e depois todo o IP (sujeito, verbo e o vestígio do objeto) é movido para o Spec de TopP (*remnant movement*).

## 2.4 Resumo do Capítulo

Rizzi (1997) propõe um sistema CP composto de dois subsistemas. O primeiro subsistema é composto por ForceP – que define o tipo da sentença – e por FinP – que codifica informações relacionadas à finitude. Para este trabalho interessa o segundo subsistema, composto pelas categorias TopP e FocP, que abrigam constituintes topicalizados ou focalizados situados na periferia esquerda da sentença. Para que um constituinte se mova para uma das posições do sistema CP ele precisa ser motivado para satisfazer algum Critério como, por exemplo, o Critério Foc.

Objetos antepostos (ordem OSV) que são focalizados ocupam o especificador de FocP na periferia esquerda. No PB esses objetos são em geral focos contrastivos.

Com base no estudo de sujeitos pós-verbais no italiano, Belletti (2002) propõe que existe também na área interna a IP um sistema com categorias TopP e FocP. O fenômeno da inversão do sujeito é comum nas línguas românicas. Em línguas de sujeito nulo, como o italiano, esse fenômeno recebe o nome de Inversão Livre do Sujeito (*Free Subject Inversion*



– FI). Já em línguas que não são de sujeito nulo, como o francês, a inversão do sujeito é denominada Inversão Estilística (*Stylistic Inversion* – SI) e tem propriedades diferentes da FI. No caso da SI, o sujeito ocupa uma posição alta na estrutura. Já na FI, a autora mostra, por meio da distribuição de advérbios, que o sujeito deve ocupar uma posição mais baixa, dentro da área interna a IP. Com base nos dados do italiano, Belletti conclui que elementos que ocupam a posição de foco na periferia esquerda são focos contrastivos, enquanto elementos que ocupam a posição de foco na área interna a IP são focos informacionais.

Em estudo da interação entre sujeitos e objetos diretos em sentenças do tipo VSO, Belletti (2002) conclui que essas construções são agramaticais porque o movimento do objeto para checar Caso é impedido pelo sujeito. Já o contrário ocorre em sentenças VOS com verbo e objeto não topicalizados, em que o objeto é que impede o sujeito de checar seu Caso. Sentenças com ordem VOS têm aceitabilidade muito restrita no italiano.

Em sentenças com ordem V S PP, por outro lado, não há problemas em relação à checagem de Caso pelo OI, pois PPs são licenciados *in situ* e não precisam se mover para uma posição fora do VP.

A última seção sobre o trabalho de Belletti (2002) trata de sentenças com verbos ditransitivos. A autora estuda a interação entre os complementos verbais e o sujeito pós-verbal. Sentenças com ordem V OD OI S somente são aceitáveis se o VP remanescente for interpretado como informação conhecida e o sujeito pós-verbal como foco informacional.

Mioto (2003) apresenta dados do PB que reforçam a proposta de Belletti (2002) de uma posição de foco na área interna a IP. Basicamente, o autor mostra por meio de objetos focalizados que estão *in situ* ou deslocados que o foco na periferia esquerda não é informacional, podendo ser contrastivo ou de identificação. Já o foco da área interna a IP tem uma interpretação ambígua. Para solucionar essa ambigüidade, o autor estabelece que o foco interno a IP é sempre informacional. Sempre que um constituinte tiver outro tipo de foco, ele deve ocupar a posição de foco na periferia esquerda da sentença e o IP remanescente deverá se mover para o especificador de TopP por meio de *remnant movement*.

## **Capítulo III – Foco no alemão e no PB**

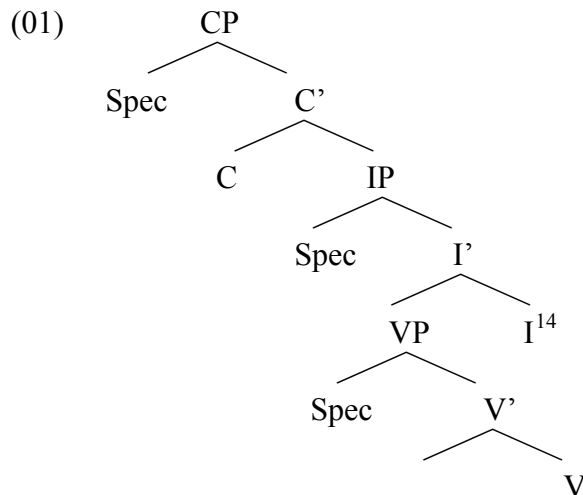
### **3.0 Introdução**

Iniciamos este capítulo apresentando duas propostas para construções com objetos duplos do alemão: a de Müller (1995) e a de Grewendorf (2002). Os dois autores partem da VP-Shell que Larson (1988) propôs para o inglês. Basicamente, a discussão de Müller e de Grewendorf se dá em torno da ordem dos objetos nominais (OI OD ou OD OI).

A seguir faremos uma análise das sentenças de estudo com base na teoria cartográfica proposta por Rizzi (1997) e Belletti (2002) apresentada no Capítulo II. Como vimos, Rizzi propõe um CP mais articulado, contendo categorias funcionais TopP e FocP que abrigam constituintes topicalizados e focalizados na periferia esquerda da sentença. Belletti propõe que essas categorias estão presentes também na área interna a IP. Faremos uma discussão das possibilidades de aplicação da teoria cartográfica aos dados do alemão e do português.

### **3.1 A estrutura sentencial do alemão**

Nosso objetivo nesta seção é fazer uma breve descrição da estrutura sentencial do alemão. A seguir apresentamos a estrutura sintática de uma sentença a partir da projeção CP (Grewendorf, 2002).



O núcleo C corresponde na teoria topológica<sup>15</sup> da sentença do alemão à baliza esquerda da moldura sentencial. O núcleo C pode ser ocupado por um verbo finito ou por uma conjunção subordinativa. Se tivermos uma sentença de ordem SVO, o sujeito ocupará o Spec de CP. Se tivermos uma sentença V2 o sujeito ocupará o Spec de IP. Para o alemão admite-se que o verbo sai do núcleo V, passa pelo núcleo I e ocupa o núcleo C. A posição Spec de CP corresponde ao campo anterior (*Vorfeld*) da teoria topológica e é ocupada por constituintes topicalizados e elementos-wh.

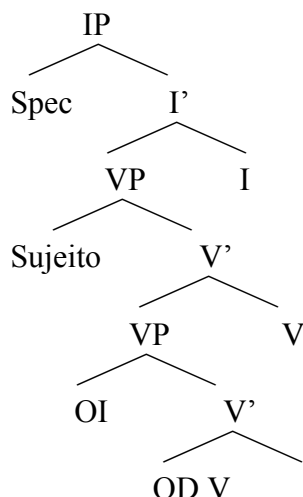
No caso de verbos ditransitivos, o alemão apresenta para as construções de objetos duplos a seguinte representação sintática a partir da projeção IP. (proposta apresentada por Grewendorf, 2002, assumida a princípio para este trabalho).

<sup>14</sup> O núcleo de I é ocupado pelo verbo finito em sentenças com conjunções subordinativas que fazem com que o verbo finito se mova para o final da sentença, após a posição ocupada pelo verbo infinitivo ou particípio.

<sup>15</sup> A teoria topológica divide a sentença alemã em três áreas, conforme a tabela abaixo. As balizas esquerda e direita correspondem às posições de verbos finitos e infinitivos ou particípios, respectivamente. O campo anterior é ocupado pelo sujeito ou por constituintes topicalizados ou elementos-wh. O campo central é tipicamente ocupado pelos complementos verbais.

campo anterior ( <i>Vorfeld</i> )	baliza esquerda ( <i>Linke Satzklammer</i> )	campo central ( <i>Mittelfeld</i> )	baliza direita ( <i>Rechte Satzklammer</i> )	campo posterior ( <i>Nachfeld</i> )
--------------------------------------	--	-------------------------------------	--	--

(02)



Grewendorf assume (em analogia com um tipo de construção passiva do alemão) que um NP-dativo em alemão não precisa se mover para um AgrP para receber Caso. O NP-dativo é gerado dentro do VP e lá recebe Caso inerente. Vale ressaltar que nas construções com objetos duplos do alemão o objeto direto precede o objeto indireto e isso está refletido na estrutura em (02).

### 3.2 Construções com dois complementos do alemão

Assumimos neste trabalho a proposta de Larson para construções com dois complementos. Apresentamos a seguir duas propostas para as construções com objetos duplos do alemão, que partem da proposta de Larson para o inglês, mas que trazem à luz problemas de adaptação dessa estrutura aos fatos do alemão.

Um exemplo disso é a análise de fenômenos de extração e ligação envolvendo objetos duplos, que parecem exigir estruturas em que o OD e o OI estão em ordens diferentes.

Müller (1995) mostra que a extração é possível no OD, mas não no OI.

- (03) a.  $[_{PP} \text{Über wen}]_i$  hat der Fritz der Anna  $[_{NP} \text{ein Buch } t_i]$  gegeben?<sup>16</sup>  
 Sobre quem tem  $o_{nom}$  Fritz  $pr_{dat}$  Anna um livro dado  
 Sobre quem<sub>i</sub> o Fritz deu um livro  $t_i$  pra Anna?<sup>6</sup>
- b.  $*[_{PP} \text{Über wen}]_i$  hat der Fritz  $[_{NP} \text{einem Buch } t_i]$  keine Chance gegeben?<sup>17</sup>  
 Sobre quem tem  $o_{nom}$  Fritz  $pr_{dat}$  livro nenhuma<sub>acc</sub> chance dado  
 Sobre quem<sub>i</sub> o Fritz não deu nenhuma chance  $pr_{dat}$  livro  $t_i$ ?

Para Müller, é possível fazer extração de um OD que esteja em posição de base pela possibilidade de incorporação abstrata<sup>18</sup> do substantivo contido no OD pelo verbo. A partir dos exemplos em (03), Müller conclui que o OI deve ocupar uma posição mais distante do verbo do que o OD, o que torna impossível a incorporação do OI pelo verbo.

Assim, com base nos fenômenos de extração, a configuração estrutural para verbos com dois complementos nominais (um NP acusativo e um NP dativo) do alemão seria a seguinte:

- (04)  $[_{IP} \text{Sujeito } [_{VP} \text{OI } [_{V'} \text{OD V}]]]$

<sup>16</sup> Exemplos semelhantes no PB:

- (03') a. O João deu um livro sobre Machado de Assis pra Ana.  
 b. O João deu um livro sobre quem pra Ana?  
 c.  $[_{\text{Sobre quem}}]_i$  o João deu um livro  $t_i$  pra Ana?

<sup>17</sup> Exemplos semelhantes no PB:

- (03'') a. O João não deu chance pra um livro sobre Machado de Assis.  
 b. O João não deu chance pra um livro sobre quem?  
 c.  $*[_{\text{Sobre quem}}]_i$  o João não deu chance pra um livro  $t_i$ ?

<sup>18</sup> Müller (1995, p.201): *Subjects, DOs which have undergone scrambling, and, most importantly, IOs, always block extraction, whereas DOs in their base position permit extraction – given that abstract noun incorporation may take place.*

Um exemplo desse fato no português estaria representado pela sentença abaixo, em que o OD não está em sua posição de base.

- (03''') c.  $[_{\text{Sobre quem}}]_i$  o João deu um livro  $t_i$  pra Ana?  
 d.  $?[_{\text{Sobre quem}}]_i$  o João deu pra Ana um livro  $t_i$ .

Em relação ao fenômeno da ligação, Grewendorf (1988) *apud* Grewendorf (2002) já havia mostrado que um OD pode ser antecedente de uma anáfora-OI, porém o contrário não: um OI não pode ser antecedente de uma anáfora-OD.

- (05) a. dass der Arzt<sub>i</sub> den Patienten<sub>j</sub> sich<sub>i/j</sub> im Spiegel zeigte  
 que o médico<sub>i</sub> o<sub>acc</sub> paciente a si (mesmo)<sub>i/j</sub> no espelho mostrou  
 ‘que o médico<sub>i</sub> mostrou o paciente a si (mesmo)<sub>i/j</sub> no espelho’
- b. dass der Arzt<sub>i</sub> dem Patienten<sub>j</sub> sich<sub>i/\*j</sub> im Spiegel zeigte  
 que o médico<sub>i</sub> pro<sub>dat</sub> paciente a si (mesmo)<sub>i/\*j</sub> no espelho mostrou  
 ‘que o médico<sub>i</sub> mostrou pro<sub>dat</sub> paciente a si (mesmo)<sub>i/\*j</sub> no espelho’
- (06) a. dass man die Gäste<sub>i</sub> einander<sub>i</sub> vorgestellt hat  
 que se os<sub>acc</sub> convidados uns aos outros apresentado tem  
 ‘que se apresentou os convidados<sub>i</sub> uns aos outros<sub>i</sub>’
- b. \*dass man den Gästen<sub>i</sub> einander<sub>i</sub> vorgestellt hat  
 que se pro<sub>dat</sub> convidados uns aos outros apresentado tem  
 ‘que se apresentou pro<sub>dat</sub> convidados<sub>i</sub> uns aos outros<sub>i</sub>’

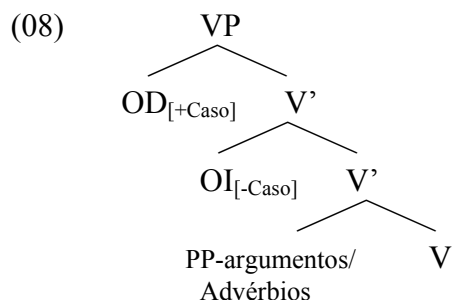
Para Grewendorf, (2004), os exemplos acima indicam que o OD c-comanda assimetricamente o OI e que portanto o OI está numa posição mais alta na estrutura do que o OI.

Os fenômenos de ligação, diferentemente dos de extração, levam a uma configuração estrutural para verbos com dois complementos nominais (um NP acusativo e um NP dativo) como a seguinte:

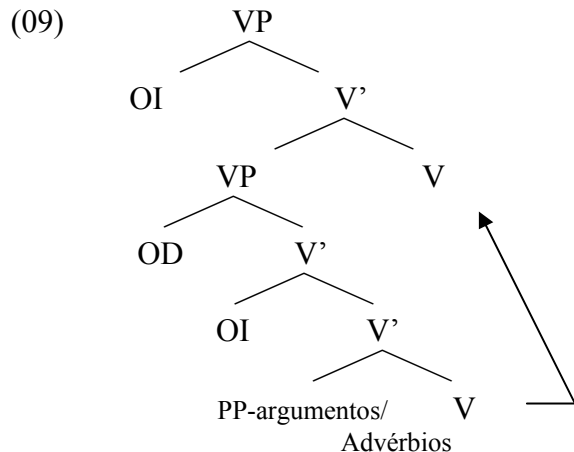
- (07) [IP Sujeito [VP OD [V' OI V]]]

Apresentaremos a seguir as propostas de Müller (1995) e Grewendorf (2002) para dar conta dos dados de extração e ligação apresentados e resolver o dilema exposto nas estruturas em (07) e (08).

Müller (1995) propõe para o alemão um VP em que o OD ocupa na estrutura profunda uma posição mais alta do que a posição do OI. O OD recebe Caso nessa posição, porém o OI não. A estrutura proposta é mostrada em (08):



Para Müller, o Caso do OI é estrutural. Como o OI dativo em análise nos exemplos não possui preposição atribuidora de Caso, o OI precisa se mover para uma posição em que possa receber Caso. Müller propõe que essa posição seja o especificador de um VP mais alto, como mostrado em (09):



O verbo finito se move para o núcleo do VP mais alto. O OI se move para o especificador desse VP e recebe Caso por meio da relação Spec-núcleo.

Para esclarecer a possibilidade de fazer extração no OD, e impossibilidade, no caso do OI, Müller se fundamenta na Teoria de Barreiras. Basicamente, ele conclui que XPs localizados no VP inferior são transparentes para a extração. XPs situados fora do VP

inferior (ou adjungidos a este) são opacos para a extração. Isso explicaria a impossibilidade de se fazer extração do OI: ele está localizado fora do VP inferior.

No caso dos fenômenos de ligação de anáforas, Müller considera que o pronome reflexivo *sich* e o recíproco *einander* dos exemplos (05) e (06) não precisam de caso estrutural (com base em dados do alemão que não serão apresentados aqui). Assim, essas anáforas não precisam se mover para receber Caso, permanecendo na posição de origem, mais baixa do que o OD. Nessa configuração, o OD pode ser antecedente de uma anáfora-OI.

O fato de que nessa configuração (OI em posição de base, abaixo do OD e ambos no VP inferior) o contrário não é possível, ou seja, o OI não pode ligar uma anáfora-OD, é explicado por Müller por meio de uma noção mais estreita de c-comando<sup>19</sup>.

Na configuração em que o OI se situa no VP superior, o OI também não pode ser antecedente de uma anáfora-OD. Müller faz aí uma estipulação: o OI ocupa no VP superior uma posição que é ao mesmo tempo de Caso e A' (de uma posição A' não é possível fazer a ligação de anáforas).

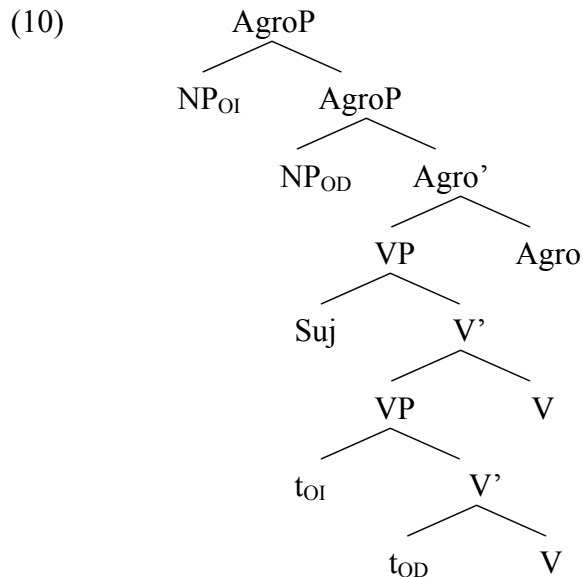
Para Grewendorf (2002) as anáforas do alemão podem receber Caso, ainda que não da mesma forma que NPs não anafóricos. Com base em construções com pronomes reflexivos (que não serão mencionadas aqui), Grewendorf mostra que eles recebem Caso e propõe que isso ocorra por meio de incorporação em um núcleo funcional, como se propõe também para as línguas românicas (Belletti 1999 *apud* Grewendorf (2002)).

O que Grewendorf propõe principalmente é que o dativo do alemão não é um Caso estrutural, mas sim inerente, porque não realiza alternâncias como faz o acusativo estrutural. O NP dativo é gerado dentro do VP e lá recebe Caso inerente. A estrutura proposta pelo autor é a seguinte:

---

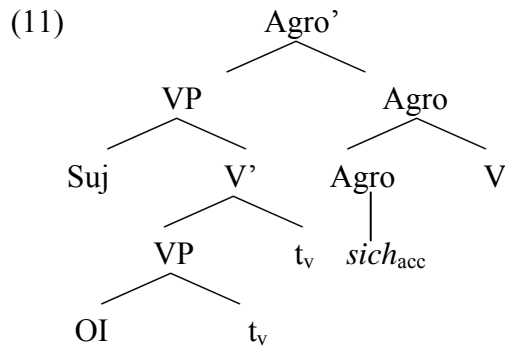
<sup>19</sup> Definida em termos de “primeiro nóculo ramificado” (Müller, 1995:212).





Para Grewendorf, não é possível fazer a extração de um OI dativo como no exemplo (03) porque NPs que têm Caso inerente se comportam como adjuntos. Num raciocínio semelhante, o autor explica ainda que OIs - que no alemão precedem ODs - sofreram scrambling e portanto foram movidos para alguma posição de adjunção. Isso ocorre porque o OD sai de sua posição de base para receber Caso e o OI permanece em posição préverbal, que é uma posição de foco no alemão. Esse scrambling é motivado pela necessidade de “desfocalizar” o OI (nos termos de Lenerz, 1977).

Como vimos nos exemplos (05) e (06), o OI não pode ligar uma anáfora em posição de OD. Para Grewendorf, isso ocorre porque uma anáfora-OD não é gerada dentro do VP, e sim no núcleo de uma projeção Agr, onde entra em uma relação de incorporação com o verbo. Essa estrutura é mostrada a seguir:



O reflexivo *sich* no núcleo de Agro não pode ser ligado pelo OI quando este está em sua posição de base, nem após o scrambling, devido à posição de adjunção que o OI passa a ocupar.

Como em alemão o reflexivo *sich* nem sempre ocupa a posição pré-verbal (que é uma posição de foco, como vimos), ele pode sofrer scrambling para alguma outra posição, que para Grewendorf pode ser o especificador de AgroP ou alguma posição de adjunção a AgroP.

O OD pode ser antecedente de um pronome reflexivo em posição de OI. Em sua posição de base o reflexivo recebe Caso inerente, como ocorre com todos os NPs dativos na visão de Grewendorf. Ele pode então ser vinculado localmente em posição A por um OD situado no especificador de AgroP.

### 3.3 Análise dos dados do PB

No capítulo II mostramos que um constituinte é interpretado como foco quando está em configuração Spec-núcleo com Foc (Rizzi, 1997). Se o foco for do tipo contrastivo/exaustivo, ele ocupará o especificador de FocP na periferia esquerda da

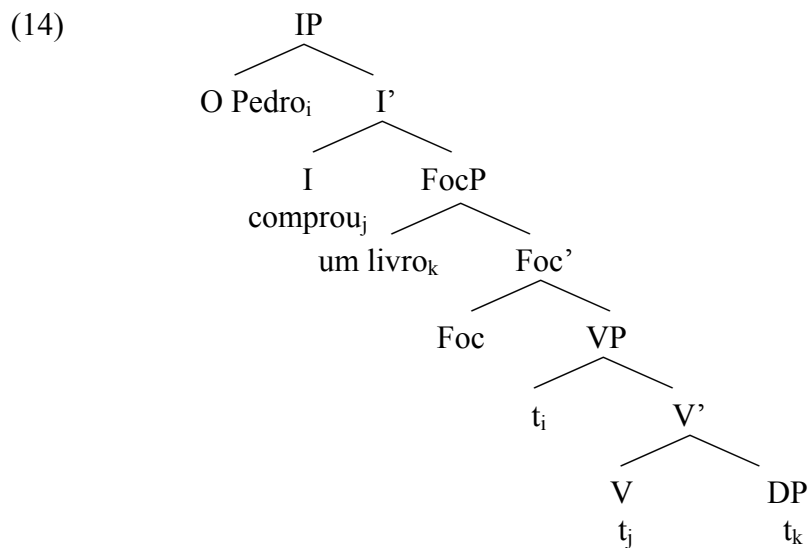
sentença. Se o foco for do tipo informacional, ele ocupará o Spec de FocP situado na área interna a IP, acima de VP (Belletti, 1997, Miotto, 2003).

Iniciaremos nossa análise com sentenças do tipo SVO com o foco sobre o OD. Como a sentença SVO é ambígua, estabelecemos os contextos para identificar o foco informacional e o foco contrastivo.

- (12) a. O que o Pedro comprou?  
b. O Pedro comprou [<sub>F</sub>um livro].

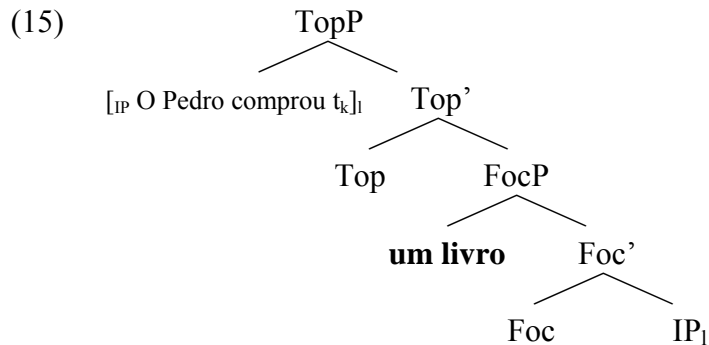
- (13) a. O Pedro comprou um caderno.  
b. Não, o Pedro comprou [<sub>F</sub>um livro].

A representação para (12) é a seguinte:



Em (14), o sujeito *O Pedro* vai para o especificador de IP para checar seu Caso nominativo. O verbo *comprar* vai para o núcleo I para obter flexão e verificar traços de tempo. O objeto recebe Caso acusativo do núcleo V em sua posição de base e depois ocupa o especificador da projeção FocP entre IP e VP, onde recebe interpretação de foco na configuração Spec-núcleo com Foc. De acordo com o que foi estabelecido anteriormente, o objeto nessa posição recebe interpretação de foco informacional

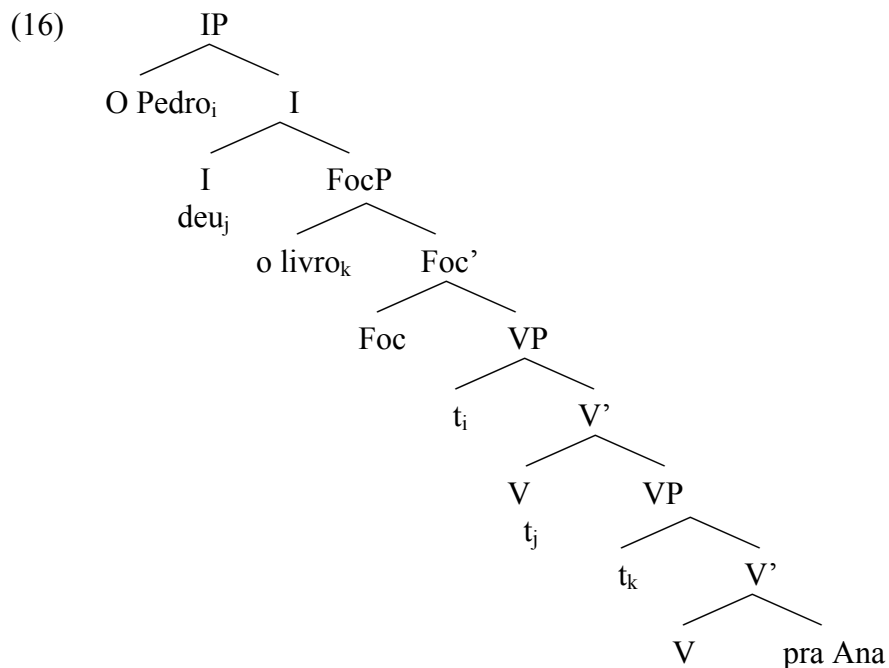
A seguir apresentamos a representação para (13):



Em (13), o objeto direto **um livro** tem interpretação de foco contrastivo. Portanto em (15) ele ocupa o especificador da projeção FocP situada na periferia esquerda da sentença, conforme estabelecido. O IP remanescente se move para o especificador da projeção TopP acima de FocP.

A seguir apresentaremos a análise das sentenças de estudo com complementos focalizados. Iniciamos com a sentença (C)b.

- (C) a. O que o Pedro deu pra Ana?  
 b. O Pedro deu [FO livro] pra Ana.

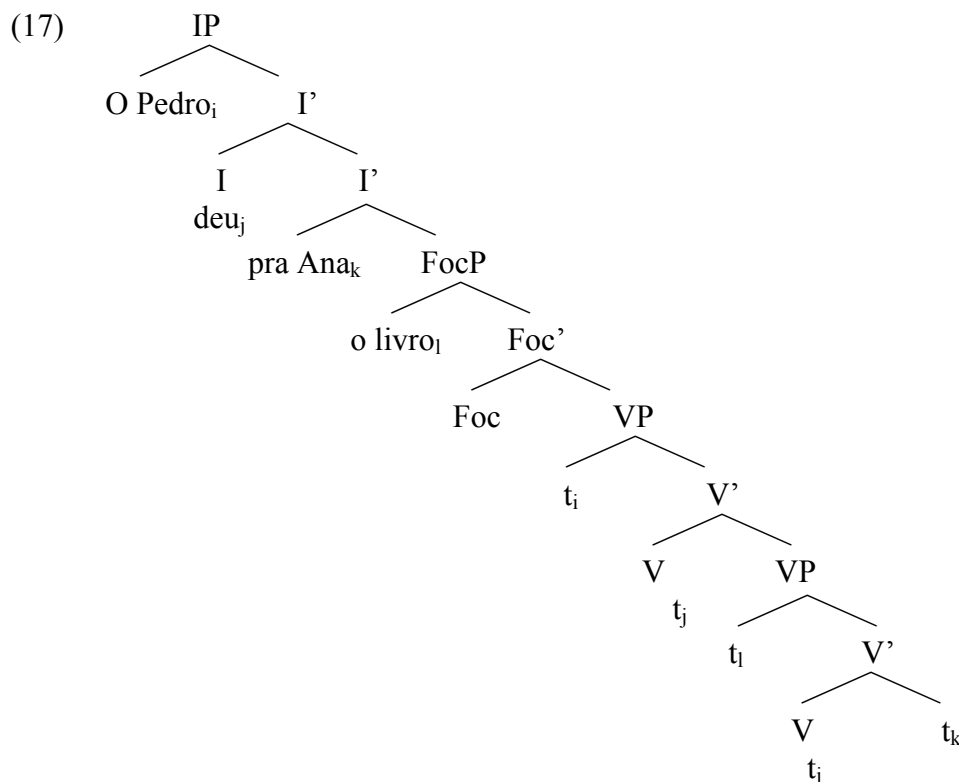


$t_j$

Em (16), o sujeito *O Pedro* vai para o especificador de IP para receber Caso nominativo. O objeto direto *o livro* recebe Caso acusativo dentro da VP-Shell<sup>20</sup>. No OI *pra Ana*, um PP, O DP *Ana* recebe Caso oblíquo da preposição *para*. O verbo vai para o núcleo de IP para obter flexão e verificar traços de tempo. O OD focalizado *o livro* sobe para o especificador de FocP para entrar em configuração Spec-núcleo com Foc e assim satisfazer o Critério Foco. O PP *pra Ana* permanece em sua posição de origem dentro do VP.

A seguir apresentamos a análise para a sentença (C)c:

- (C) a. O que o Pedro deu pra Ana?  
c. O Pedro deu pra Ana [FO livro].

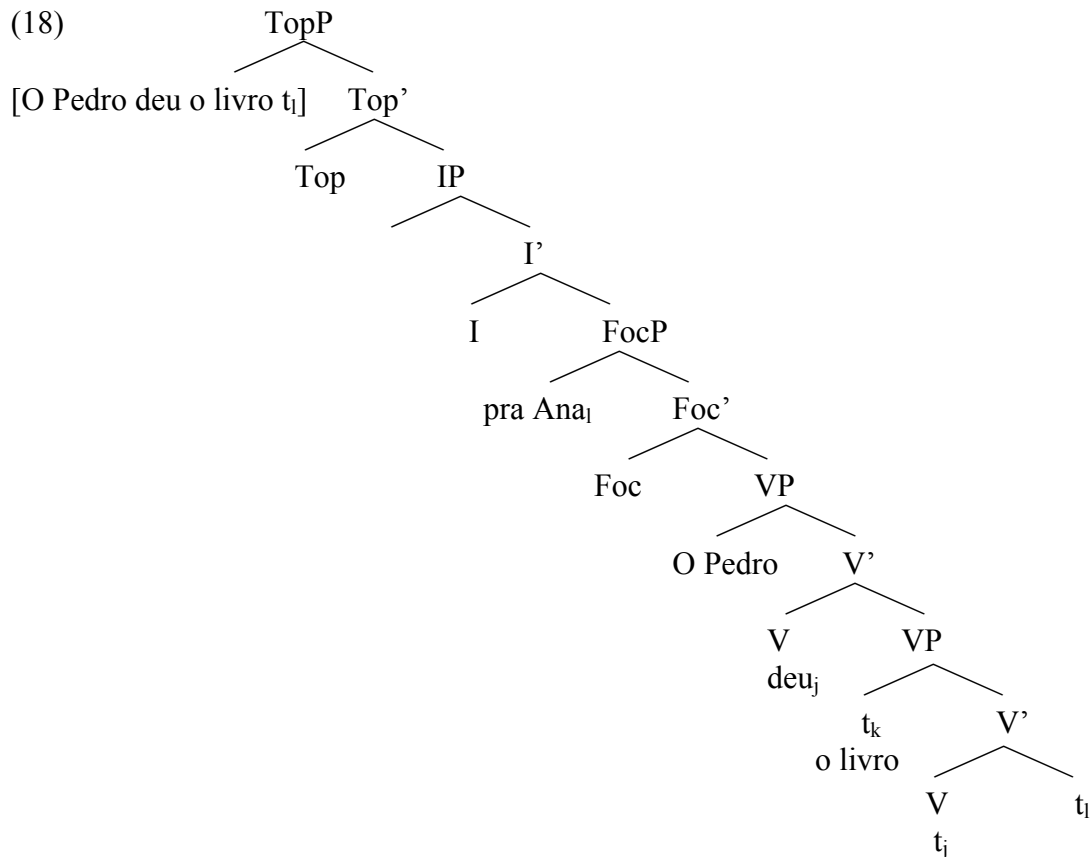


<sup>20</sup> Assumimos a VP-Shell proposta por Larson (1988) para as construções com dois complementos no PB. Nessa proposta, o OD recebe Caso acusativo sob regência do verbo *dar* depois do movimento deste do núcleo V inferior para o núcleo V superior dentro da VP-Shell. Esse tipo de atribuição de Caso ocorre também para o sujeito na ordem VS.

Em (17), temos as mesmas atribuições de caso que para (16) acima. Como partimos da proposta de que a ordem OD OI é básica no PB, a ordem OI OD em (C)c é portanto derivada. Assumimos que essa ordem é obtida por meio do processo de scrambling do OI *pra Ana* sobre o OD *o livro*. O OI vai para uma posição de adjunção acima do OD. O OD vai para o especificador de FocP<sup>21</sup>.

A seguir apresentamos a análise para a sentença (D)b:

- (D) a. Pra quem o Pedro deu o livro?  
 b. O Pedro deu o livro [<sub>F</sub>pra Ana].



<sup>21</sup> O fenômeno do scrambling será tratado com mais detalhe na seção 3.4 deste capítulo e também no capítulo IV. Segundo Muller (1995), trata-se de um processo de adjunção sintática.

Belletti (2002), ao analisar sentenças com ordem VSO ou VOS, propõe que a informação conhecida numa sentença é tópico, e portanto poderia ir para um TopP acima ou abaixo de FocP, conforme a ordem linear. Entretanto, no caso acima, estamos tratando da ordem SVO e o sujeito precisa ir para o especificador de IP para receber Caso nominativo, assim como o verbo tem que se mover para I. Uma categoria TopP acima de FocP não permitiria que o sujeito checasse seu Caso, nem que o verbo verificasse seus traços. Uma possibilidade seria atribuir a *O Pedro deu o livro* o caráter de tópico, por ser informação conhecida na sentença (repetição da informação contida na pergunta). Desse modo o VP (no caso, a VP-shell) que contém o sujeito, o OD e o vestígio do OI poderia ser topicalizado, por meio do movimento denominado *remnant topicalization*, e ir para o especificador de um TopP na periferia esquerda da sentença, portanto acima de IP. Nada semelhante foi dito em Belletti (1999, 2002): a princípio, a coexistência entre um TopP acima de IP e um FocP abaixo não foi mencionada pela teoria.

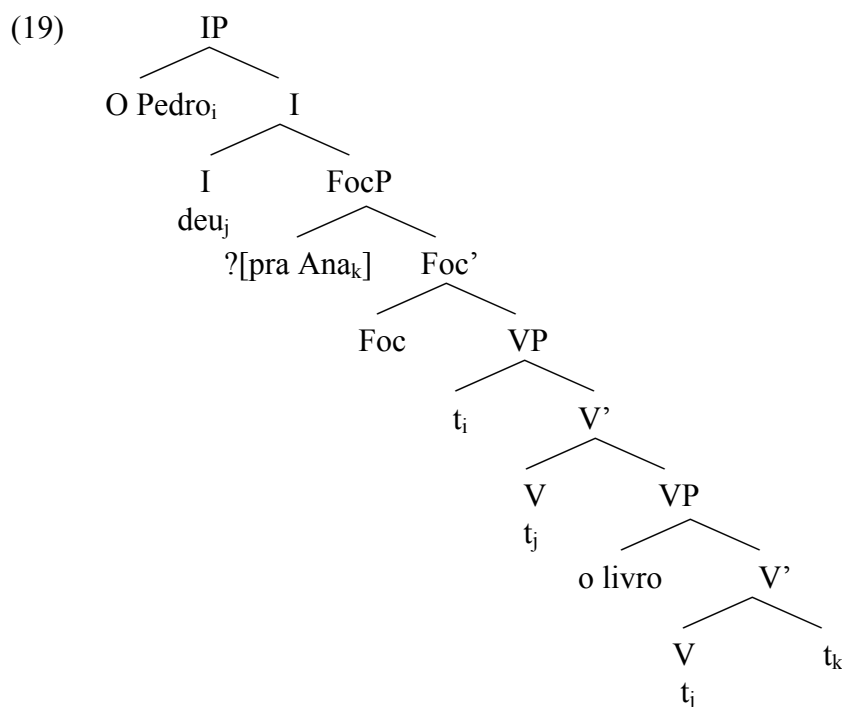
Um outro movimento possível, mencionado por Müller (1998), seria *remnant left dislocation*. Nesse movimento, o remanescente movido ocuparia uma posição de adjunção a CP, o que evitaria a estabelecer TopPs e FocPs em diferentes áreas da sentença. Segundo o autor, há uma restrição que pesa sobre esse movimento: o deslocamento à esquerda de remanescentes é impossível se o antecedente do vestígio não-vinculado sofreu scrambling. No caso da sentença (18) em análise, é possível propor esse movimento, pois não houve scrambling.

Há outro problema na análise dessa sentença. Se propusermos que os objetos recebem Caso dentro da VP-shell, então estamos excluindo, por uma opção teórica, a existência de projeções AgrP. Com isso, fica excluída a que é talvez a forma mais simples de representar a sentença: com o OD ocupando uma posição numa projeção AgrP acima de FocP, por exemplo, onde receberia Caso e estaria em sua posição certa na ordem linear.

Por fim, apresentamos a análise da sentença (D)c:

(D) a. Pra quem o Pedro deu o livro?

c. O Pedro deu [Fpra Ana] o livro.



No caso dessa sentença, a opção pelo scrambling quando a ordem não é básica esbarra numa restrição do movimento de scrambling: ele não pode acontecer para elementos focalizados<sup>22</sup>. Em outras palavras, o OI *pra Ana* não pode ao mesmo tempo sofrer scrambling e ser focalizado.

Uma possibilidade seria rever a idéia de OD OI como ordem básica<sup>23</sup>. Outra possibilidade seria admitir os limites de uma teoria como a proposta por Belletti e considerar que a posição de foco na área interna a IP não é adequada para atribuir foco informacional aos complementos de ditransitivos. Além disso, é importante ressaltar que, para a autora, o foco e o tópico são lidos da configuração sintática, uma opção teórica bastante estrita.

<sup>22</sup> Segundo Müller (1995), no movimento de scrambling um constituinte muda de posição para que outro constituinte receba o acento de foco. Elementos que recebem o acento de foco não podem sofrer scrambling.

<sup>23</sup> Scher (1996) propõe que a ordem OI OD também é uma ordem básica no PB.



Casos como a sentença (D)c nos levaram a buscar respostas em outras propostas, como a de invisibilidade métrica de Zubizarreta e a Teoria da Otimalidade, que será tratada no capítulo IV deste trabalho.

### 3.4 Análise dos dados do alemão

A seguir veremos as possibilidades de aplicação da proposta de um FocP na área interna ao IP para o alemão, como posição para o foco informacional. Retomamos inicialmente as sentenças de estudo:

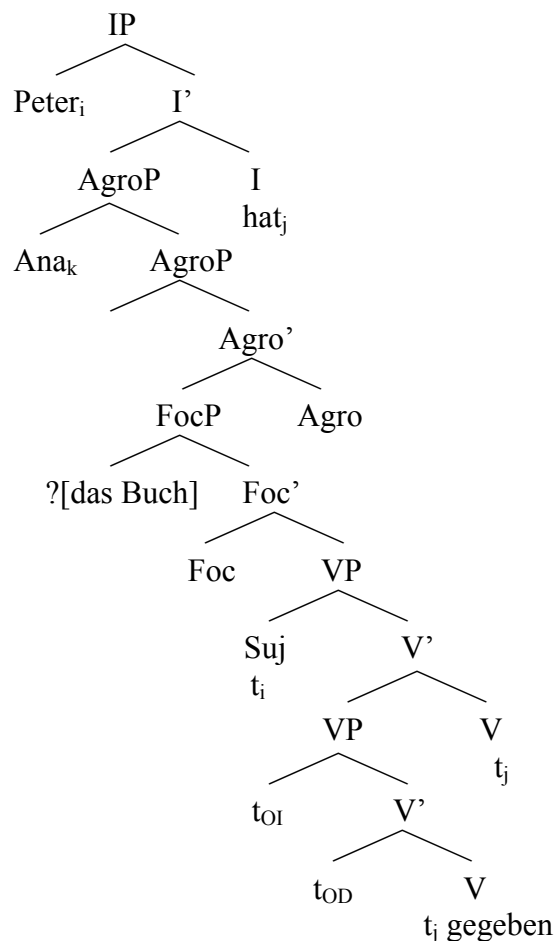
- (A) a. Was hat Peter Ana gegeben?  
 O que tem o Pedro Ana<sub>dat</sub> dado?  
 ‘O que o Pedro deu prá Ana?’
- b. Peter hat Ana [<sub>F</sub> das Buch] gegeben. (ordem OI OD)  
 O Pedro tem Ana<sub>dat</sub> o<sub>acc</sub> livro dado.  
 ‘O Pedro deu prá Ana o livro.’
- c. ??\*Peter hat [<sub>F</sub> das Buch] Ana gegeben. (ordem OD OI)  
 O Pedro tem o<sub>acc</sub> livro Ana<sub>dat</sub> dado.  
 ‘O Pedro deu o livro prá Ana.’
- (B) a. Wem hat Peter das Buch gegeben?  
 Para quem tem o Pedro o<sub>acc</sub> livro dado?  
 ‘Para quem o Pedro deu o livro?’
- b. Peter hat [<sub>F</sub> Ana] das Buch gegeben. (ordem OI OD)  
 O Pedro tem Ana<sub>dat</sub> o<sub>acc</sub> livro dado.  
 ‘O Pedro deu prá Ana o livro.’
- c. Peter hat das Buch [<sub>F</sub> Ana] gegeben. (ordem OD OI)  
 O Pedro tem o<sub>acc</sub> livro Ana<sub>dat</sub> dado.  
 ‘O Pedro deu o livro prá Ana.’

Apresentaremos as estruturas arbóreas da sentença (A)b conforme as propostas de Müller (1995) e de Grewendorf (2002). As sentenças (A)c, (B)b e (B)c serão comentadas sem que as estruturas arbóreas sejam apresentadas.

- (A) a. Was hat Peter Ana gegeben?  
 b. Peter hat Ana [<sub>F</sub> das Buch] gegeben.

1) Proposta de Grewendorf:

(20)



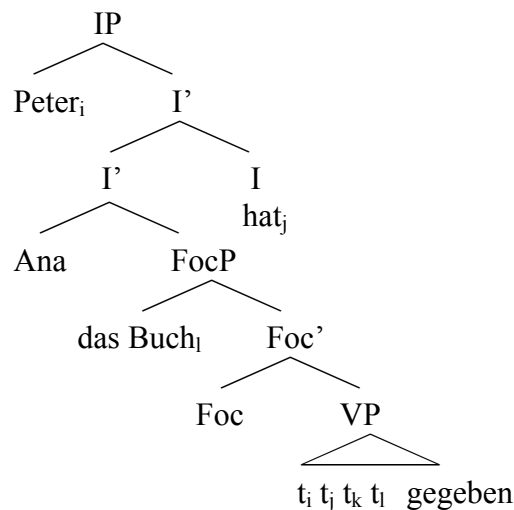
Em (20), o sujeito *Peter* sobe para o especificador de IP para receber Caso nominativo. O verbo finito *hat* sai de sua posição de base no núcleo V inferior e sobe para o núcleo V superior dentro do VP, depois vai para o núcleo I onde recebe flexão e verifica traços de tempo. Na proposta de Grewendorf, o OD *das Buch* deveria checar seu Caso

numa projeção AgroP. Nessa sentença, porém, ele é também o foco informacional e deve permanecer no especificador de FocP. O AgroP duplicado seria o local previsto para a subida do OI por meio de scrambling, conforme a proposta de Grewendorf.

Com base no que já foi dito sobre o PB na seção 3.3, se optarmos pela estrutura proposta por Grewendorf, em que o OD recebe Caso acusativo numa projeção AgroP, teremos dificuldades em propor a projeção FocP como local para a atribuição do foco informacional porque ela se situa abaixo das projeções Agr e acima de VP. Se o OD se move para o especificador de FocP, ele ali permanece e não pode mais se mover para receber Caso. A estrutura proposta por Müller não teria esse problema, pois os dois complementos recebem seus Casos dentro do VP. Vale lembrar entretanto que na análise de Grewendorf a estrutura de Müller tem restrições.

2) Proposta de Müller (com VP simplificado):

(21)



□

Em (21) mostramos como seria a representação da sentença (A)b. O sujeito e o verbo finito se movem para suas posições na projeção IP. Os complementos verbais recebem Caso dentro do VP. O OD *das Buch* vai para o especificador de FocP. O OI *Ana* precisa assumir alguma posição anterior ao OD, para respeitar a ordem linear. Propomos que o OI sofra scrambling, ocupando uma posição de adjunção.

(A)c. ??\*Peter hat [<sub>F</sub> das Buch] Ana gegeben.

Os julgamentos para a sentença (A)c diferem na literatura. Para Lenerz (1977)<sup>24</sup>, existe uma restrição para a ordem de NPs com artigos definidos ou indefinidos. Essa restrição vale apenas para a ordem OD OI. O exemplo a seguir (Breul, 2004) traz as sentenças “problemáticas” com os julgamentos de Lenerz entre parênteses.

- (22) a. Was hast du dem Studenten gegeben?  
 O que tem você pro<sub>dat</sub> estudante<sub>dat</sub> dado?  
 ‘O que você deu pro estudante?’
- b. (\*?) Ich habe [<sub>F</sub>das Buch] dem Studenten gegeben.  
 Eu tenho o<sub>acc</sub> livro pro<sub>dat</sub> estudante<sub>dat</sub> dado.  
 ‘Eu dei o livro pro estudante.’
- (23) a. Wem hast du ein Buch gegeben?  
 Pra quem tem você um<sub>acc</sub> livro dado?  
 ‘Pra quem você deu um livro?’
- b. (\*) Ich habe ein Buch [<sub>F</sub>dem/einem Studenten] gegeben.  
 Eu tenho um<sub>acc</sub> livro pro<sub>dat</sub>/prum<sub>dat</sub> estudante<sub>dat</sub> dado.  
 ‘Eu dei um livro pro/prum estudante.’

Müller (1995) atribui a uma sentença semelhante a (22)a um julgamento do tipo (??). Para Breul (2004) essa sentença é totalmente aceitável. Já a sentença (23)b é aceitável para ambos com uma interpretação de contrastividade.<sup>25</sup>

Para Büring (2001), objetos diretos que são XPs com foco entoacional ou indefinidos existenciais não podem sofrer scrambling sobre objetos indiretos.

Em Müller (1995), scrambling é descrito como sendo um processo típico de línguas com ordem de palavras relativamente livre, como o alemão. Trata-se de um processo de

<sup>24</sup> Lenerz (1977) é trabalho clássico sobre a ordem de NPs nominais do alemão.

<sup>25</sup> Para Breul, (23)b é perfeitamente aceitável se sobre o NP *Buch* recair um *pitch accent* secundário L +H\* e sobre o NP *Studenten* recair um *pitch accent* primário H\*+L. Segundo o autor, no alemão essa combinação de acentos indica freqüentemente contrastividade. Ele ressalta que a repetição do DP *ein Buch* em vez do uso do pronome *es* (pronome acusativo neutro) precisa ser motivada de alguma forma e a contrastividade com elementos do discurso poderia ser essa motivação.

adjunção sintática. Para o autor, scrambling é um movimento A-barrado e consiste numa adjunção à esquerda de um XP a outro XP na estrutura-S. No alemão esse movimento não é permitido para operadores (sintagmas-wh e sintagmas focalizados). Em línguas como o japonês, coreano e russo existe scrambling de operadores. No caso do alemão, essa impossibilidade se deve ao PUB<sup>26</sup>, princípio descrito por Müller (1995). No alemão, o PUB se aplica na estrutura-S e em LF, enquanto que nas línguas citadas, por exemplo, se aplica apenas à estrutura-S. Segundo Müller, a impossibilidade de scrambling de sintagmas focalizados pode ser explicada da seguinte maneira: se sintagmas focalizados são operadores, eles devem se mover para uma posição de operador em LF. Como essa posição é de natureza diferente das posições de chegada do scrambling, PUB é violado se houver scrambling de um sintagma focalizado na estrutura-S.

A pouca aceitabilidade da sentença (A)c se deve portanto à impossibilidade do OD focalizado *das Buch* sofrer scrambling.

- (B) a. Wem hat Peter das Buch gegeben?  
 b. Peter hat [<sub>F</sub> Ana] das Buch gegeben.

Para a sentença (B)b, a estrutura de Grewendorf traz novamente alguma dificuldade relacionada à atribuição de Caso ao OD. Este deve se mover para uma projeção AgroP que se localiza acima de FocP, que é a posição que o OI deve ocupar. Isso gera a ordem OD OI, oposta à ordem na sentença (B)b.

---

<sup>26</sup> Müller (1995) propõe o seguinte princípio para evitar a mistura entre tipos diferentes de movimentos A-barrados:

*Principle of unambiguous Binding (PUB):*

A variable that is  $\alpha$ -bound must be  $\beta$ -free in the domain of the head.

Segundo esse princípio,  $\alpha$  e  $\beta$  se referem a tipos diferentes de posições de chegada (*landing sites*).  $\alpha$ -bound significa “ligado a partir de uma posição de tipo  $\alpha$ ”, enquanto “ $\beta$ -free” significa “não ligado a partir de uma posição de tipo  $\beta$ ”. O PUB estabelece que uma variável deve ser vinculada sem ambigüidade (*unambiguously*) no domínio do núcleo de sua cadeia. Em outras palavras: uma variável tem um antecedente de cadeia em um certo tipo de posição. Assim, PUB estabelece que se existirem vestígios intermediários que intervêm entre a variável e seu antecedente na cadeia, esses vestígios intermediários devem ocupar o mesmo tipo de posição que o antecedente. Por exemplo, os vestígios de um movimento-wh devem ocupar posições SpecC, e não posições de scrambling (adjunções à esquerda) ou posições de topicalização (uma posição SpecT).

Com base na estrutura de Müller, os complementos verbais recebem Caso dentro do VP. A ordem de base é OD OI, e o OI sobe para o especificador de um VP mais alto e a ordem gerada é OI OD. O sujeito e o verbo sobem para suas posições em IP e o OD focalizado *Ana* vai para o especificador de FocP. O OD *das Buch* permanece em sua posição de base dentro do VP.

- (B) a. Wem hat Peter das Buch gegeben?  
 c. Peter hat das Buch [<sub>F</sub> Ana] gegeben.

A estrutura de Grewendorf não traz aqui nenhuma dificuldade, uma vez que o OD pode ocupar sua posição atribuidora de Caso na projeção AgrP acima do OI em FocP

Como vimos, segundo Müller os complementos verbais recebem Caso dentro do VP, sendo que o OI se move para o especificador de um VP mais alto para obter Caso, gerando a ordem OI OD. A sentença (B)c tem ordem OD OI. Propomos que o OD sofre scrambling e se adjunge em IP acima do OI Ana, que por sua vez ocupa o especificador de FocP, para obter seu traço de foco.

Não tivemos nessa análise do alemão a intenção de optar por uma ou outra estrutura. Procuramos mostrar as possibilidades de aplicação das propostas de Belletti de um FocP interno a IP tanto na estrutura de Müller quanto na de Grewendorf. Vimos que, principalmente em se tratando de propostas que contém projeções AgrP, é difícil conciliar o movimento do para o especificador de FocP com o movimento dos complementos (no caso o OD) para a checagem de Caso. A proposta de um FocP interno a IP para o foco informacional não apresenta soluções para todos os casos apresentados, nem no alemão, nem no PB.

### 3.5 Resumo do capítulo

No início deste capítulo, tratamos brevemente da teoria topológica, que divide a sentença do alemão em três campos (anterior, central e posterior). É no campo central ou *Mittelfeld* que normalmente se situam os complementos verbais do alemão.

A seguir, apresentamos uma discussão sobre dados de ligação e extração do alemão, que a princípio parecem implicar em estruturas opostas quanto à ordem dos complementos nominais OD e OI. Dois autores, Müller (1995) e Grewendorf (2002), discutem os dados de ligação e extração e propõem estruturas diferentes para o alemão. Müller propõe que tanto o OD quanto o OI recebem Caso dentro do VP, enquanto para Grewendorf o OI recebe Caso inerente dentro do VP e o OD recebe Caso em uma projeção AgrP fora do VP. Essa diferença entre as propostas é importante para a análise da aplicação da teoria de Belletti (2002) e Rizzi (1997).

Na seção seguinte fazemos a análise das sentenças de estudo do PB. Verificamos que para a efetiva aplicação da teoria Belletti/Rizzi é preciso propor movimentos como scrambling, topicalização remanescente ou deslocamento à esquerda do remanescente. Observamos que o movimento de scrambling é restrito a DPs que não são focalizados. Na sentença de estudo (C)b a aplicação da teoria é direta. Em (C)c é preciso lançar mão do movimento de scrambling. A sentença (D)b também é possível com o uso de movimentos como topicalização remanescente ou deslocamento à direita do remanescente. Já a sentença (D)c a aplicação da teoria não é possível porque o elemento focalizado não pode sofrer scrambling.

Os dados do alemão também apresentam alguma dificuldade para a aplicação da teoria. Optamos por analisar sentenças com a configuração de VP tanto de Müller (1995) quanto de Grewendorf (2002) e observamos que, em linhas gerais, propostas que estabelecem atribuição de Caso em projeções AgrP entram em conflito com o FocP na área interna a IP. Nesse sentido, a estrutura de Müller, em que os complementos recebem Caso dentro do VP, apresentou os resultados mais satisfatórios. A análise de (A)c mostrou que a pouca aceitabilidade dessa sentença no alemão se deve às restrições do movimento de scrambling em constituintes focalizados.

## **Capítulo IV – Por uma relação indireta entre sintaxe e foco**

### **4.0 Introdução**

Neste capítulo apresentamos inicialmente a análise de dados do PE e do PB feita por Costa & Figueiredo (2006). Observando a atribuição de foco informacional em sentenças contendo verbos transitivos, inacusativos e ditransitivos, os autores apresentam fatos das duas variantes do português que confirmam sua hipótese de uma relação não tão estreita entre a sintaxe e a estrutura informacional.

A seguir trazemos a proposta de Costa (1998) de que o português apresenta o movimento de scrambling, característico de línguas germânicas como o alemão e o holandês. Além disso, apresentamos alguns dados do estudo de Costa – fundamentado na Teoria da Otimalidade – sobre interação de restrições para o movimento do objeto direto no português.

Büring (1999) traz um estudo de dados do alemão semelhantes aos desta dissertação feito também com base na Teoria da Otimalidade. Serão apresentados alguns dos resultados do trabalho de Büring, principalmente no que se refere às restrições para o movimento de scrambling.

Por fim, faremos uma análise das sentenças de estudo deste trabalho com base nas restrições estabelecidas por Costa (1998) para o português e por Büring (1999) para o alemão. A Teoria da Otimalidade será abordada brevemente no fechamento deste capítulo.

### **4.1 Costa & Figueiredo (2006)**

O trabalho de Costa & Figueiredo segue de certo modo o caminho oposto ao desta dissertação, em que se pretende codificar na sintaxe elementos referentes ao discurso. Os



autores apresentam evidências do PB e do PE que indicam que noções discursivas como tópico e foco não são codificadas na sintaxe, questionando assim a relação entre sintaxe e estrutura informacional. Na proposta dos autores as diferenças entre o PB e o PE não podem ser explicadas com base numa parametrização dos elementos do discurso, e defendem uma abordagem modular na qual a sintaxe alimenta o componente de estrutura informacional.

Costa & Figueiredo analisam a atribuição de foco informacional em sentenças contendo verbos transitivos, inacusativos e ditransitivos. O PE segue a generalização que costuma ser feita para as línguas românicas de sujeito-nulo: constituintes focalizados situam-se mais à direita na sentença (NSR) e existe inversão sujeito-verbo. No entanto no PB o sujeito não sofre inversão no contexto em (01), comportando-se de forma semelhante ao inglês<sup>27</sup>:

- (01) A: Quem comeu o bolo?  
 B: a. Comeu o João. (PE/\*PB)  
 b. O João comeu. (\*PE/PB)

No caso de sentenças com verbos inacusativos, o PE e o PB têm comportamento semelhante quando o foco é de escopo largo, porém diferente quando o foco é de escopo estreito:

- (02) A: O que aconteceu?  
 B: a. Chegou o João. (PE/PB)  
 a'. O João chegou. (PE/PB)
- (03) A: Quem chegou?  
 B: a. Chegou o João. (PE/\*PB)  
 a'. O João chegou. (\*PE/PB)

---

<sup>27</sup> Em inglês:

A: *Who ate the cake?*  
 B: *John did.*

Os dados das sentenças com inacusativos mostram que tanto o PB quanto o PE utilizam a ordem de palavras para codificar informação relacionada ao discurso. Com base nesses dados, Costa & Figueiredo apresentam três hipóteses, das quais analisaremos as duas primeiras (a terceira hipótese não será tratada aqui)<sup>28</sup>:

- A- Não existe parâmetro relacionado especificamente à configuracionalidade da estrutura informacional.
- B- Vale o seguinte universal: a ordem de palavras é usada para codificar XPs focalizados quando a sintaxe permitir. Se a sintaxe proibir, o acento é usado, como last resort.

Com a hipótese A rejeita-se a existência de parâmetros que estabelecem que algumas línguas recorrem à ordem de palavras para codificar tópico e foco, enquanto outras não.

Já segundo a hipótese B, se a sintaxe gera dois ou mais outputs, a escolha entre eles será feita conforme as exigências da estrutura informacional. No caso de línguas com uma sintaxe mais flexível, a ordem de palavras pode variar e os XPs podem ser colocados em posições que atendam a essas exigências. Se existe uma tendência a colocar certos constituintes com alguma função discursiva em certas posições, mas a sintaxe da língua não o permite, com a utilização de uma acentuação adequada essas sentenças podem tornar-se apropriadas.

Vejamos a seguir alguns dados do PE (Costa, 1998 e Costa & Figueiredo, 2006).

---

<sup>28</sup> As três hipóteses de Costa & Figueiredo, no original:

- A- *There is no parameter specifically related to information-structure configurationality.*
- B- *The following universal holds: Word order is used for codifying focused XPs, whenever syntax allows it. If syntax prohibits it, stress is used, as last resort.*
- C- *The topic-focus split is best understood as a scalar relation for which at least three types of information converge: givenness, definiteness, and quantification. This claim contradicts the categorical Mapping Hypothesis of Diesing (1992), since it predicts some mismatches between the three scales.*

(04) A: A quem é que deste o livro?

B: a. Dei o livro [<sub>F</sub>ao Paulo].

b. # Dei ao Paulo o livro.

(05) A: O que é que deste ao Paulo?

B: a. Dei ao Paulo [<sub>F</sub>O livro].

b. # Dei o livro ao Paulo.

Nas sentenças acima, o constituinte focalizado está situado sempre mais à direita: se o foco está no objeto indireto, a ordem é V OD OI; se o foco está sobre o objeto direto, a ordem é V OI OD. Isso mostra que a NSR é válida para a ordem dos complementos de ditransitivos no PE. No PB a conclusão é diferente<sup>29</sup>. Apresentamos a seguir as sentenças de estudo deste trabalho.

(C) a. O que o Pedro deu pra Ana?

b. O Pedro deu [<sub>F</sub>O livro] pra Ana.

c. O Pedro deu pra Ana [<sub>F</sub>O livro].

(D) a. Pra quem o Pedro deu o livro?

b. O Pedro deu o livro [<sub>F</sub>pra Ana].

c. O Pedro deu [<sub>F</sub>pra Ana] o livro.

---

<sup>29</sup> Exemplos de Salles (1997) *apud* Costa & Figueiredo (2006) para o PB:

(06) A: O que o João deu pra Maria?  
B: O João deu pra Maria um CD.

(07) A: Pra quem o João deu o CD?  
B: O João deu o CD pra Maria.

Costa & Figueiredo (2006) comentam, sobre os exemplos de ditransitivos do PE e do PB ((05) e (08) e (06) e (07) desta nota): “*This case is of particular interest for the discussion in this paper, since we observe that both languages satisfy the requirement that the focus of the sentence surfaces rightmost.*”

Nos exemplos (06) e (07) do PB, o foco está situado no elemento mais à direita (o exemplo original não contém os símbolos gráficos da marcação de foco como estamos usando neste trabalho).

As sentenças do PB têm comportamento um pouco diferente das sentenças do PE. No PB, ambas as ordens são respostas possíveis às perguntas. No PE, apenas as respostas com foco mais à direita são possíveis. Em (C), b é uma resposta mais natural à pergunta do que c, o oposto do que ocorre no PE. Em (D), b é resposta mais natural do que c (coincidindo com o exemplo (03)a do PE), e aqui vale a NSR. No PB a ordem básica tende a ser mantida, em detrimento da NSR no caso de (C)b.

Os exemplos do PE a seguir (Costa, 1998 e Costa & Figueiredo, 2006) apresentam contextos em que o elemento focalizado é um QP ligando um outro XP. Se o constituinte focalizado é antecedente de uma anáfora no constituinte não focalizado, a sintaxe exige que ele c-comande a anáfora, o que não permite que o QP ocorra à direita na sentença. Tanto no PB quanto no PE, o QP focalizado não ocorre na posição mais à direita das sentenças.<sup>30</sup>

- (08) A: A quem é que deste os livros?  
 B: Dei [<sub>F</sub>a cada autor] o seu livro.  
 ?\*Dei o seu livro a cada autor.

- (09) A: O que é que deste aos autores?  
 B: Dei [<sub>F</sub>cada livro] ao seu autor.  
 ?\*Dei ao seu autor cada livro.

Costa & Figueiredo apresentam estes dados do PE para comprovar sua hipótese de que quando a sintaxe não produz um output gramatical que seja condizente com a NSR, o PE recorre à acentuação marcada<sup>31</sup> para a marcação do foco. Isso explica também o acento sobre o sujeito pré-verbal no PB (1Bb e 3Ba'). Como a sintaxe do PB não produz um

---

<sup>30</sup> O mesmo ocorre no PB em exemplos equivalentes:

- (10) A: Pra quem você deu os livros?  
 B: Dei [<sub>F</sub>pra cada autor] o seu livro.  
 ?\*Dei o seu livro pra cada autor.
- (11) A: O que você deu pros autores?  
 B: Dei [cada livro] pro seu autor.  
 ?\*Dei pro seu autor cada livro.

<sup>31</sup> Uma sentença em que o acento obedece à NSR é considerada não marcada. Quando a acentuação não segue a NSR, ela é marcada.

output condizente com a NSR, resta – conforme a hipótese B – atribuir uma acentuação marcada ao sujeito na ordem SV.

Em relação à inversão do sujeito mostrada nos exemplos (01), (02) e (03), é preciso atentar para o fato de que para o PB existem nesses exemplos três situações:

- A) Em (01) o foco é informacional e recai sobre o sujeito. O verbo é transitivo. A inversão do sujeito não é possível.
- B) Em (02) o foco é sentencial. O verbo é inacusativo. As ordens VS e SV são possíveis.
- C) Em (03) o foco é informacional e recai sobre o sujeito. O verbo é inacusativo. A inversão do sujeito não é possível.

Costa & Figueiredo afirmam que a impossibilidade de inverter os sujeitos focalizados é consequência do parâmetro de sujeito nulo. A inversão sujeito-verbo é típica de línguas de sujeito nulo. O PB, entretanto, é considerado uma língua de sujeito nulo parcial, pois o *pro* referencial não está mais disponível nessa língua. Isso explica a impossibilidade de inverter o sujeito em A.

Já no caso de B, a ordem VS é possível tanto no PE quanto no PB e isso se deve à existência de *pro* expletivo, como comprovado pelas sentenças em (12):

- (12) a. %Chegou muitos meninos.
- b. \*Nadou muitos meninos.

Em (12a), o verbo inacusativo pode não concordar com o DP pós-verbal, mas concordar com o expletivo, o que fica claro pela possibilidade de o verbo aparecer em 3<sup>a</sup>. pessoa. Já (12b) mostra que o mesmo não é possível com verbos intransitivos.

Por fim, em relação a C, resta esclarecer por que, no caso dos inacusativos, VS é possível quando o foco recai sobre a sentença, mas não quando recai sobre o sujeito.

A inversão do sujeito no PB em sentenças com inacusativos é considerada um caso de inversão locativa<sup>32</sup>. Conforme Levin & Rappaport Hovav (1995) *apud* Costa & Figueiredo (2006), inacusativos em construções de inversão locativa são associados a um argumento locativo ou temporal potencialmente não-realizado e o *pro* expletivo pode corresponder a um argumento locativo ou temporal. Como existe um *pro* expletivo no PB, a ordem VS nessa língua só é possível no contexto em que a inversão locativa é mais adequada: o contexto de foco apresentacional. Como o foco informacional e o foco apresentacional não são idênticos, provavelmente estão relacionados a estruturas sintáticas diferentes.

## 4.2 Costa (1998)

### 4.2.1 Scrambling no português

Costa (1998) afirma em seu trabalho que o PE tem scrambling e que este tem propriedades semelhantes às de línguas que tradicionalmente apresentam scrambling, como o holandês e o alemão.

O scrambling foi mencionado pela primeira vez por Ross (1967) *apud* Costa (1998) para tratar dos casos em que ocorre quebra da adjacência entre verbo e complemento devido à inserção de um adjunto. O scrambling possui algumas propriedades no alemão e no holandês:

---

<sup>32</sup> Um dos argumentos para isso é exemplificado por meio das sentenças abaixo (Costa & Figueiredo, 2006), que mostram que não existe uma verdadeira opcionalidade entre as ordens SV e VS. Há uma tendência a se preferir a ordem VS.

- (13) O que aconteceu?  
 a. Caiu um avião.  
 b. ??Um avião caiu.

- (13) O que aconteceu?  
 a. Nasceram 93 bebês.  
 b. ??93 bebês nasceram.

O outro argumento é que não existe foco informacional recaindo sobre o sujeito na inversão locativa do inglês e nas construções com o expletivo *there*, assim como ocorre em sentenças VS no PB.

- a) O scrambling move NPs e PPs.
- b) O scrambling não move APs predicativos nem Small Clauses.
- c) O scrambling licencia lacunas parasitas.
- d) O scrambling pode mover um objeto sobre um sujeito (essa propriedade vale para o alemão, mas não para o holandês).
- e) O constituinte que sofre scrambling deve ser específico ou *non-novel*.

Segundo Costa, o fato de o português ser uma língua com movimento V-para-I traz alguma dificuldade para se identificar a posição do objeto. Como o verbo não permanece em VP, a posição do objeto é ambígua: ele pode estar em sua posição de base ou ter sofrido scrambling. Costa resolve essa questão utilizando advérbios monossilábicos como diagnóstico para a posição do objeto.

A interação entre esses advérbios e a distribuição de objetos (objetos diretos, na análise de Costa) mostra que no português estes podem estar tanto em sua posição de base quanto em outra posição após terem sofrido scrambling (exemplos do PE):

- (14) a. O Paulo fala francês bem.  
 b. O Paulo fala bem francês.  
 c. \*O Paulo bem fala francês.  
 d. (\*bem) o Paulo (\*bem) olha (bem) para aqueles quadros (\*bem/BEM).  
 e. De que pintor é que o Paulo olha bem para os quadros?

Nas sentenças acima são apresentadas algumas das propriedades dos advérbios monossilábicos: sua distribuição é muito restrita<sup>33</sup> (14d), não aparecem antes do verbo (14c), só seguem um PP se estiverem adequadamente acentuados (14c) e o PP que os segue não está extraposto como mostrado pelo teste de extração em (14e).

---

<sup>33</sup> Comparemos a distribuição dos advérbios monossilábicos com a distribuição de um advérbio como *ontem*, que é bem menos restrita:

(Ontem) o Paulo (ontem) olhou (ontem) para aqueles quadros (ontem).

No português, o complemento nominal pode ocorrer antes ou depois de um advérbio que está na periferia direita do verbo. No alemão e no holandês os objetos também podem aparecer à esquerda ou à direita de um adjunto de VP. A diferença entre essas línguas e o português está no fato de que elas são línguas verbo-final, e a adjacência entre verbo e complemento é visível quando não há scrambling. Numa língua V-para-I como o português, só existe adjacência se não houver nenhum adjunto entre o verbo flexionado e o complemento.

Costa considera que sujeitos pós-verbais (ordens VSO e VOS) também marcam a periferia direita do verbo e, assim como os advérbios monossilábicos, servem como diagnóstico para a posição dos complementos. Em (15a) o objeto está dentro do VP e em (15b) é externo a VP.

- (15) a. Tinha comido o Paulo a sopa.  
b. Tinha comido a sopa o Paulo.

Com base nos dados em (14) e (15), Costa propõe que quando o objeto precede o sujeito ou o advérbio monossilábico, ele foi movido para fora do VP por meio de scrambling.

Assim como Costa o faz para o PE, vamos considerar neste trabalho que também no PB o scrambling é motivado pela prosódia e é um movimento A-barra.<sup>34</sup>

A proposta de scrambling como movimento motivado pela prosódia vem de Reinhart (1995). Na linha de Cinque (1993), Reinhart propõe que o constituinte mais encaixado na sentença recebe o acento mais proeminente.

Reinhart faz a distinção entre acento default e acento marcado. O acento default corresponde ao acento não marcado em sentenças declarativas (como ocorre nas respostas a perguntas do tipo *O que aconteceu?* mencionadas anteriormente neste trabalho). O acento marcado requer um contorno entoacional característico sobre o constituinte focalizado.

---

<sup>34</sup> Outras propostas mencionadas por Costa: scrambling motivado pelo caso e scrambling motivado por questões semânticas.



Para a autora, o complemento do verbo sofre scrambling para deixar um constiuinte (outro complemento, um adjunto) na posição mais encaixada, onde ele pode receber o acento mais proeminente em um contexto default.

Costa (1998) aplica essa hipótese aos dados do PE em (16) e (17):

- (16) A: O que é que o Paulo fala bem?  
 B: a. #O Paulo fala francês bem.  
 b. O Paulo fala bem francês.
- (17) A: Como é que o Paulo fala francês?  
 B: a. O Paulo fala francês bem.  
 b. #O Paulo fala bem francês.

Segundo Costa, a resposta para a pergunta em (16) deve ter o foco recaindo sobre o objeto direto, daí a resposta em *a* não ser adequada para a pergunta. O mesmo ocorre em (17), em que o foco deve recair sobre o advérbio. O complemento em (17a) sofre scrambling para que o acento não recaia sobre ele. Esses exemplos, no caso do PB, admitem as duas respostas, devido à desacentuação que ocorre nos constituintes que seguem o constituinte focalizado.

#### 4.2.2 Teoria da Otimalidade e complementos verbais

Em seu trabalho, Costa (1998) usa como ferramenta teórica a Teoria da Otimalidade. O trabalho de Costa é extenso e nos concentramos aqui sobre a análise dos objetos nominais.

Segundo o autor, as restrições de Caso e foco são conflitantes para os NPs: por um lado, o foco exige que os NPs por vezes permaneçam *in situ* para a atribuição de acento em

final de sentença; por outro lado, o Caso exige que os NPs se movam para uma posição atribuidora de Caso.

Simplificadamente, as restrições atribuídas por Costa para o PE são as seguintes<sup>35</sup>:

- (20) O Caso é atribuído no especificador de uma projeção AgrP.  
O Caso de objetos nominais é atribuído no especificador de uma projeção AgrOP.
- (21) O foco da sentença é o constituinte que está mais à direita de acordo com o padrão de recursividade da língua.

Segundo Costa, para o PE a restrição relacionada a foco é superior à restrição de Caso<sup>36</sup>, mas essa restrição pode ser violada, como ocorre no caso de fenômenos de ligação. Esse fato é exemplificado nas sentenças com bitransitivos já apresentadas neste trabalho<sup>37</sup>.

Além disso, o exemplo da ligação em ditransitivos mostra que existe a possibilidade de que outra restrição prevaleça sobre a de foco. Nos termos de Costa (e da Teoria da Otimalidade), a restrição de foco parece ser violável no português quando está em jogo o fenômeno da ligação. No caso dos ditransitivos, uma restrição relacionada a c-comando seria superior à restrição de foco<sup>38</sup>.

---

<sup>35</sup> Restrições no original Costa (1998):

- (18) *CASE: NPs are licensed at the specifier position of AgrPs*  
*a OBJ-CASE: nominal objects are licensed in Spec,AgrOP*  
*b SUBJ-CASE: subjects are licensed in Spec,AgrSP*

- (19) *ALIGNFOCUS*  
*The (prosodically unmarked) focus of the sentence is the rightmost constituent in accordance with the recursivity pattern of the language.*

<sup>36</sup> Costa (1998) propõe para o português a seguinte interação entre restrições:

- (22) *ALIGNFOCUS >> CASE*

<sup>37</sup> Exemplo (08) e(09) deste capítulo.

<sup>38</sup> Costa acrescenta então mais uma restrição a ALIGNFOCUS e a CASE, qual seja, a de C-COMMAND. Como as anáforas devem ser c-comandadas por seus antecedentes, a restrição C-COMMAND entra em ação no fenômeno de ligação em questão.

É importante ressaltar nesse momento que a restrição de foco que Costa estabelece para o PE só vale para o PB se levarmos em consideração a possibilidade de invisibilidade métrica ou desacentuação. Apenas se considerarmos os constituintes situados após o foco como metricamente invisíveis é que o constituinte focalizado estará na posição final da sentença, como requer a restrição de foco.

### **4.3 Büring (1999)**

#### **4.3.1 Teoria da Otimalidade e complementos verbais no alemão**

O uso de scrambling no alemão não é completamente livre e obedece a algumas restrições relacionadas a foco (Büring, 1999) e (in)definitude (Büring, 2001). Para Büring, objetos diretos que são focos entoacionais ou indefinidos existenciais não podem sofrer scrambling sobre objetos indiretos.

Para Büring (1999), foco e ordem de palavras não interagem diretamente, não havendo regras gramaticais que relacionem o foco a posições sintagmáticas específicas na estrutura. O foco interage com a prosódia e esta, por sua vez, interage com a ordem de palavras.

Com base na Teoria da Otimalidade, Büring analisa os fatores que influenciam a ordem dos objetos duplos no alemão por meio de restrições violáveis. Não iremos nos aprofundar na mecânica da Teoria da Otimalidade, concentrando-nos mais sobre os resultados obtidos para o alemão (Büring 1999, 2001).

Büring (1999) analisa a interação entre restrições morfossintáticas (como caso e (in)definitude) e restrições prosódicas como foco. Dado que essas restrições por vezes se conflitam na escolha da ordem de palavras, o autor estabelece uma hierarquia entre elas.

Lenerz (1977), em trabalho clássico sobre ordem de constituintes nominais do alemão, já havia apresentado o foco e a (in)definitude como fatores que influenciam a ordem dos NPs nas construções de objetos duplos do alemão, sob a forma de generalizações:

- (23) a. NPs definidos precedem NPs indefinidos  
 b. NPs não-focalizados precedem NPs focalizados.

Lenerz menciona ainda outra generalização importante, de origem morfosintática:

- (24) NPs dativos precedem NPs acusativos.

Segundo Lenerz, essas restrições interagem da seguinte forma: uma ou ambas as restrições em (23) podem ser violadas se (24) for observada; no entanto, (24) só pode ser violada se as duas condições em (23) forem observadas. Em outras palavras, se o NP<sub>dat</sub> precede o NP<sub>acc</sub>, qualquer distribuição de foco e de (in)definitude entre os NPs é possível. Mas o NP<sub>acc</sub> só precede o NP<sub>dat</sub> se o NP<sub>dat</sub> for focalizado e o NP<sub>acc</sub> definido.

Büiring (1999) baseia sua análise nas conclusões de Lenerz (1977), mas acrescenta a idéia de que a ordem OI OD (ou NP<sub>dat</sub> NP<sub>acc</sub>, nos termos de Büiring) no alemão é a ordem básica gerada dentro do VP e que a ordem OD OI é resultado do movimento de scrambling, pelo qual o OD é adjungido ao VP. Vale lembrar que o scrambling é restringido por foco e por (in)definitude.<sup>39</sup>

Büiring propõe então as seguintes restrições:

- (25) a. O foco deve estar no final da sentença.

---

<sup>39</sup> Em Büiring (1999), as restrições para o scrambling estão formuladas como segue:

- a. *Don't scramble a focused NP!*  
 b. *Don't scramble an indefinite NP!*

b. Os indefinidos devem estar apropriadamente contidos no VP (se eles devem receber uma leitura existencial)<sup>40</sup>.

Assim como na análise de Costa (1998) para scrambling, também em Büring esse movimento pode ter a função de permitir que um NP focalizado ocupe uma posição no final da sentença ou mais perto do final da sentença. Nos dois trabalhos o scrambling é portanto motivado pela prosódia.

Mencionaremos brevemente a questão dos indefinidos do alemão. Para tanto, apresentamos o exemplo a seguir (Breul, 2004):

- (29) a. Wem hast du ein Buch gegeben?  
 Pra quem tem você um<sub>acc</sub> livro dado?  
 ‘Pra quem você deu um livro?’
- b. (\*) Ich habe ein Buch [<sub>F</sub>dem/einem Studenten] gegeben.  
 Eu tenho o<sub>acc</sub> livro pro<sub>dat</sub>/prum<sup>1</sup><sub>dat</sub> estudante<sub>dat</sub> dado.  
 ‘Eu dei o livro pro/prum estudante.’

Com base nas restrições apresentadas, o que torna a sentença (29b) inaceitável é o fato de que o scrambling de um NP<sub>acc</sub> indefinido resulta na violação da restrição para os

---

<sup>40</sup> Como o trabalho de Büring utiliza a Teoria da Otimalidade, ele formula essas restrições com a seguinte notação:

- (26) *FINAL FOCUS (FF)*  
*Focus should be sentence final.*
- (27) *IND(EFINITES)*  
*Indefinites should properly be contained in VP (if they are to receive an existential reading).*

Há ainda uma terceira restrição, relacionada ao impedimento do movimento de scrambling quando as outras restrições estão em jogo: a restrição *STAY*.

Büring propõe finalmente a seguinte interação entre as restrições *FINAL FOCUS*, *INDEFINITES* e *STAY*:

- (28) a. *INDEFINITES >> STAY >> FINALFOCUS*  
 b. *INDEFINITES >> FINALFOCUS >> STAY*

(28) mostra que a restrição *INDEFINITES* sempre prevalece sobre as outras duas. Já a relação entre *FINALFOCUS* e *STAY* indica um vínculo entre as restrições (*constraint tie*).

indefinidos (25b), pelo fato de que posições adjungidas a VP não estarão apropriadamente contidas no VP.

Segundo a proposta de Büring, existem duas gramáticas em jogo: uma baseada na prosódia e uma baseada na morfossintaxe. Uma sentença que não é adequada nem a uma gramática nem à outra é considerada agramatical. Nesse sentido, Büring menciona que um exemplo como a sentença (Ac)<sup>41</sup> deste estudo pode ser uma objeção à sua proposta, pois o julgamento do autor confere (??) e não (\*) a uma sentença semelhante a (Ac)<sup>42</sup>.

É necessário ressaltar que o trabalho de Büring tem um enfoque mais aprofundado do que o que foi aqui esboçado, principalmente no que se refere a foco, que o autor define com base em conceitos da fonologia prosódica. Além disso, o autor trata de diversos outros exemplos do alemão, incluindo a focalização sobre o verbo, que fogem ao interesse direto desta pesquisa.

#### 4.4 Análise das sentenças de estudo

Para fazer a análise das sentenças de estudo deste trabalho com base na visão representada por Costa (1998), Büring (1999) e Costa & Figueiredo (2006) repetiremos a seguir as informações relevantes mencionadas pelos autores. Inserimos nos critérios a seguir as noções de desacentuação e invisibilidade métrica de Zubizarreta (1998), importantes para a aplicação da NSR aos dados do PB e do alemão.

(30) Critérios para o português

---

<sup>41</sup> (A)c \* Peter hat [Fdas Buch] Ana gegeben.

<sup>42</sup> O exemplo semelhante a (Ac) em Büring (1999) é o seguinte:  
 a. ?? Ich habe [Fdas Geld] dem Kassierer gegeben.  
 Eu tenho o<sub>acc</sub> dinheiro ao caixa dado.  
 Eu dei o dinheiro pro caixa.

- 1) FOCO: Vale a NSR. O foco da sentença é atribuído ao constituinte situado mais à direita.
- 2) CASO: O Caso é atribuído no especificador de uma projeção AgrP. O Caso de objetos nominais é atribuído no especificador de uma projeção AgrOP.
- 3) SCRAMBLING: O scrambling é um movimento motivado pela prosódia. Sua função é mover um constituinte (não-focalizado) para permitir que outro (focalizado) ocupe a posição adequada para receber o acento de foco. Uma consequência importante é que constituintes focalizados não podem sofrer scrambling.
- 4) INVISIBILIDADE MÉTRICA/DESACENTUAÇÃO: Constituintes desfocalizados são metricamente invisíveis no português.

(31) Critérios para o alemão

- 1) FOCO: Vale a NSR. O foco da sentença é atribuído ao constituinte situado mais à direita.
- 2) CASO: NPs dativos precedem NPs acusativos.
- 3) SCRAMBLING: O scrambling é um movimento motivado pela prosódia. Sua função é mover um constituinte (não-focalizado) para permitir que outro (focalizado) ocupe a posição adequada para receber o acento de foco. Uma consequência importante é que constituintes focalizados não podem sofrer scrambling.
- 4) INVISIBILIDADE MÉTRICA/DESACENTUAÇÃO: Constituintes desfocalizados são metricamente invisíveis no alemão.

#### 4.4.1 Análise dos dados do alemão

- (A) a. Was hat Peter Ana gegeben?  
 b. Peter hat Ana [<sub>F</sub>das Buch] gegeben.

A sentença (A)b tem como foco informacional o OD *das Buch*. O particípio *gegeben* é desacentuado, sendo portanto metricamente invisível. Conseqüentemente, o OD *das Buch* ocupa a posição mais à direita na sentença respeitando a NSR. A ordem dos complementos é OI OD, ordem básica para complementos nominais de verbos ditransitivos no alemão. Não há scrambling.

- (A) a. Was hat Peter Ana gegeben?  
 c. ??\*Peter hat [<sub>F</sub>das Buch] Ana gegeben.

Como vimos, a aceitabilidade da sentença (A)c é muito restrita. Para Lenerz (1977) é agramatical. Büring (2001) atribui à sentença o julgamento (??). Já Breul (2004) considera a sentença totalmente aceitável.

A sentença (A)c tem como foco informacional o OD *das Buch*. Assumimos com Büring que sua aceitabilidade é muito restrita. Em primeiro lugar, (A)c não atende à restrição morfossintática que estabelece que NPs dativos precedem NPs acusativos. Em segundo lugar, para o scrambling gerar a ordem OD OI é preciso que o elemento que sofreu o scrambling – no caso o OD *das Buch* – não seja focalizado. (A)c não atende nem às exigências de origem morfossintática nem às de origem prosódica.

- (B) a. Wem hat Peter das Buch gegeben?  
 b. Peter hat [<sub>F</sub>Ana] das Buch gegeben.

A sentença (B)b tem como foco informacional o OI nominal *Ana*. O OD *das Buch* e o particípio *gegeben* são desacentuados, sendo portanto metricamente invisíveis. Conseqüentemente, o OI *Ana* ocupa a posição mais à direita na sentença respeitando a NSR. A ordem dos complementos é OI OD, ordem básica para complementos nominais de verbos ditransitivos no alemão. Não há scrambling.

- (B) a. Wem hat Peter das Buch gegeben?  
 c. Peter hat das Buch [<sub>F</sub>Ana] gegeben.



A sentença (B)c tem como foco informacional o OI nominal *Ana*. (B)c não atende, por um lado, à restrição morfossintática que estabelece que NPs dativos precedem NPs acusativos. Por outro lado, o scrambling do OD *das Buch* sobre o OI *Ana* é possível, pois *das Buch* não é o constituinte focalizado. Nos termos da Teoria da Otimalidade, as restrições são violáveis e, se houver conflito entre elas, uma terá prevalência sobre a outra. Para o alemão, a restrição relacionada a foco é superior à restrição morfossintática de precedência dos NPs dativos sobre os NPs acusativos. Portanto (B)c é aceitável.

O particípio *gegeben* é desacentuado, sendo portanto metricamente invisível. Conseqüentemente, o OI *Ana* ocupa a posição mais à direita na sentença respeitando a NSR.

#### 4.4.2 Análise dos dados do português

- (C) a. O que o Pedro deu pra Ana?  
b. O Pedro deu [FO livro] pra Ana.

A sentença (C)b tem como foco informacional o OD *o livro*. O OI *pra Ana* é desacentuado, sendo portanto metricamente invisível. Conseqüentemente, o OD *o livro* ocupa a posição mais à direita na sentença respeitando a NSR. A ordem dos complementos é OD OI, ordem básica para complementos de verbos ditransitivos no português. Não há scrambling.

- (C) a. O que o Pedro deu pra Ana?  
c. O Pedro deu pra Ana [FO livro].

A sentença (C)c tem como foco informacional o OD *o livro*, que ocupa a posição mais à direita na sentença, respeitando a NSR. Os complementos estão na ordem derivada OI OD, obtida por meio de scrambling do PP *Ana* sobre o OD *o livro*. O scrambling ocorre para que o foco informacional recaia sobre o OD em fim de sentença.

- (D) a. Pra quem o Pedro deu o livro?  
 b. O Pedro deu o livro [<sub>F</sub>pra Ana].

A sentença (D)b tem como foco informacional o OI *pra Ana*, que ocupa a posição mais à direita na sentença, respeitando a NSR. A ordem dos complementos é OD OI, ordem básica para complementos de verbos ditransitivos no português. Não há scrambling.

- (D) a. Pra quem o Pedro deu o livro?  
 c. O Pedro deu [<sub>F</sub>pra Ana] o livro.

A sentença (D)c tem como foco informacional o OI *pra Ana*. O OD *o livro* é desacentuado, sendo portanto metricamente invisível. Conseqüentemente, o OI *pra Ana* ocupa a posição mais à direita na sentença respeitando a NSR. A ordem dos complementos é OI OD, obtida por meio de scrambling do OI sobre o OD.

Ressaltamos novamente que no decorrer deste capítulo estivemos interessados em apresentar algumas conclusões de estudos feitos com base na Teoria da Otimalidade que poderiam oferecer alguns esclarecimentos sobre a relação entre o foco informacional e a ordem dos complementos verbais. A análise realizada na seção anterior foi fundamentada em alguns resultados desses estudos, mais com a intenção de apresentar caminhos para o entendimento do problema do que encontrar respostas definitivas.

Estivemos mais interessados nos resultados obtidos por Costa (1998) e Büring (1998) do que na mecânica da Teoria da Otimalidade. No entanto, cabe neste momento fazer alguns comentários sobre essa Teoria. As informações que seguem são devidas mais uma vez ao trabalho de Costa (1998).

A Teoria da Otimalidade trabalha com a noção de restrições violáveis e que obedecem a uma hierarquia. Basicamente, se duas restrições estão em conflito, sempre haverá um output possível que estará em conformidade com a restrição que estiver hierarquicamente superior. Nos dados do português e do alemão nos casos apresentados, o foco (uma restrição prosódica) é superior ao Caso (uma restrição morfossintática). Entretanto, no caso de uma sentença com ditransitivos em que há ligação de anáforas, por exemplo, outra restrição – desta vez relacionada a c-comando – é superior à restrição de foco.

Dizer que as restrições são violáveis não implica que quaisquer outputs possam ser gerados. A Teoria da Otimalidade tem princípios que limitam a gramática, dos quais mencionaremos os três mais relevantes.

### **Princípios da Teoria da Otimalidade:**

- a. **Universalidade:** A Gramática Universal provê um conjunto *Con* de restrições que são universais e universalmente presentes em todas as gramáticas.
- b. **Violabilidade:** As restrições são violáveis; mas a violação é mínima.
- c. **Ranking/Hierarquia:** As restrições de *Con* submetem-se a uma hierarquia que depende de cada língua em particular; a noção de violação mínima é definida nos termos dessa hierarquia. Uma gramática é a hierarquia do conjunto de restrições.

A Teoria da Otimalidade consegue dar conta de restrições de natureza diferente, como Caso (uma restrição morfossintática) e foco (uma restrição prosódica). Isso é possível porque não se trata de uma abordagem que impõe um ordenamento de regras, que implica que uma regra violada produz um output agramatical. A hierarquia de restrições prediz que se uma restrição não é satisfeita ela é violada uma ou duas vezes dependendo da representação. Por não ser baseada num ordenamento de regras, a Teoria da Otimalidade

não exige que uma restrição do componente fonológico seja satisfeita antes da estrutura superficial.

A restrição de foco nos trabalhos de Costa e Büring é definida com base na prosódia e nesse sentido uma teoria representacional seria mais adequada para dar conta de um fato cujos efeitos são visíveis no nível fonológico da gramática.

Incluimos na análise das sentenças as noções de invisibilidade métrica e desacentuação de Zubizarreta (1998) como auxiliares na aplicação da NSR. A hierarquia para as restrições de foco e Caso é a mesma no alemão e no português, ainda que a atribuição de Caso nas duas línguas seja diferente. O movimento de scrambling – prosodicamente motivado na visão dos autores – possibilita as diferentes ordens dos complementos verbais e a atribuição do foco informacional.

#### **4.5 Resumo do Capítulo**

Costa & Figueiredo (2006) encontram em dados do PE e do PB fundamentos para confirmar a proposta de que o foco não é codificado na sintaxe. A partir da análise da focalização do sujeito em sentenças com verbos transitivos e inacusativos e da focalização de complementos verbais de verbos ditransitivos, os autores confirmam sua hipótese de que quando a sintaxe não produz um output gramatical que respeite as exigências da NSR, a língua recorre à acentuação marcada. Na relação entre sintaxe e estrutura informacional, a proposta é que a sintaxe alimenta o componente de estrutura informacional.

Costa (1998) propõe que o português tem scrambling com as mesmas propriedades do alemão e do holandês e que esse movimento é motivado pela prosódia. O autor usa advérbios monossilábicos para identificar a posição do objeto direto. A interação entre esses advérbios e os objetos mostra que no português eles podem estar tanto em sua posição de base quanto em outra posição após terem sofrido scrambling. Além disso, com base na Teoria da Otimalidade, Costa estabelece a interação entre restrições morfossintáticas e

prosódicas que influenciam o movimento do objeto direto no português, de interesse também no estabelecimento das restrições para o movimento de scrambling.

Na mesma linha de Costa (1998), Büring (1999) considera o scrambling como um movimento motivado pela prosódia e que tem a função de permitir que o elemento focalizado ocupe a posição de foco no fim da sentença, nos termos da NSR. O objeto de estudo do autor são as diferentes ordens de objetos das sentenças com verbos ditransitivos que selecionam complementos nominais, um dativo e outro acusativo. Com base na Teoria da Otimalidade, Büring mostra a interação entre restrições morfossintáticas e prosódicas que estão em jogo nas diferentes ordens de complementos.

Na análise das sentenças de estudo deste trabalho, tendo como base as restrições morfossintáticas e prosódicas estabelecidas por Costa (1998) e por Büring (1999) para o português e para o alemão, respectivamente, foi possível chegar a alguns esclarecimentos sobre a interação entre foco e ordem de complementos de ditransitivos. A NSR foi estabelecida como regra para a atribuição de foco informacional para as duas línguas, desde que em conjunto com as noções de desacentuação e invisibilidade métrica de Zubizarreta (1998). As diferentes ordens de complementos verbais foram obtidas por meio do movimento de scrambling motivado pela prosódia: um constituinte sofre scrambling para permitir que outro constituinte receba o acento de foco.

A Teoria da Otimalidade é uma ferramenta teórica que torna possível analisar a interação entre restrições de natureza diferente – morfossintática e prosódica – numa dada língua. A Teoria da Otimalidade propõe que as línguas têm conjuntos de restrições e que essas restrições têm uma hierarquia entre si. As restrições podem ser violadas, desde que se respeite a hierarquia, e sempre haverá um output possível que está em conformidade com essa hierarquia.

## Considerações finais

Nesta dissertação analisamos a relação entre foco informacional e ordens de complementos verbais. Nosso objeto de estudo constituiu-se de sentenças do alemão e do PB com verbos ditransitivos. Optamos por dividir este estudo em três grandes partes: (i) a definição dos diferentes tipos de foco e o estudo da relação entre foco e prosódia com base em Zubizarreta (1998) (Capítulo I); (ii) a apresentação da teoria cartográfica de Rizzi (1997) e Belletti (2002) e a aplicação dessa teoria aos dados do alemão e do PB (Capítulo II e III); (iii) a apresentação dos estudos de Costa (1998) e Büring (1999) baseados na Teoria da Otimalidade e a aplicação de alguns de seus resultados aos dados do alemão e do PB.

Como nas sentenças de estudo desta dissertação os complementos verbais estão situados depois do verbo, optamos por aplicar aos dados a proposta de Belletti de uma posição de foco na área interna a IP. O estudo de Miotto (2003) estabelece uma posição para o foco interna a IP e que, assim como para o italiano, também no PB essa posição seria de foco informacional.

A aplicação da teoria às sentenças do alemão e do PB revelou alguns impedimentos. Basicamente, a posição de FocP interna à IP entra em conflito com a atribuição de Caso se esta tiver que acontecer em projeções AgrP. Vale ressaltar que na proposta de Belletti o foco é lido da configuração sintática, e toda a análise foi feita com base em recursos essencialmente sintáticos, como Caso e alguns tipos de movimentos (scrambling, movimento de remanescentes).

Essas dificuldades nos levaram a buscar respostas em outras teorias, que propõem uma relação mais indireta entre foco e sintaxe. Trouxemos propostas de relação entre sintaxe e prosódia que apresentam algumas soluções para a questão da ordem dos complementos e sua relação com o foco informacional.

Em linhas gerais, na análise final do Capítulo IV lançamos mão da noção de invisibilidade métrica de Zubizarreta (1998) em conjunto com a Regra de Acento Nuclear (*Nuclear Stress Rule* – NSR). Utilizamos também alguns resultados provenientes da Teoria da Otimalidade – mais especificamente a proposta de uma relação de caráter hierárquico

entre foco e atribuição de Caso – na análise das sentenças de estudo. Os estudos de Costa (1998) e Büring (1999) para o português e para o alemão, respectivamente, estabelecem que o foco é superior ao Caso numa hierarquia de restrições. Entretanto, como as restrições são violáveis, pode haver quebra dessa hierarquia se a sintaxe não produzir um output condizente com os requerimentos da prosódia.

A contribuição principal deste trabalho está no estudo de duas propostas teóricas diferentes. Concluímos em linhas gerais que uma proposta que se baseia estritamente na estrutura sintática para codificar informações provenientes do componente fonológico tem restrições em sua aplicação. Já uma proposta que propõe uma relação mais indireta entre dois componentes gramaticais diferentes – um prosódico e um morfossintático – apresenta resultados mais esclarecedores sobre a relação entre ordem de palavras e estrutura informacional.

## Referências Bibliográficas

BELLETTI, A. (2002) **Aspects of low IP area**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Siena, Siena. Disponível em: < [www.unisi.it](http://www.unisi.it) > Acesso em 04/2008.

\_\_\_\_\_. (1999) **Inversion as focalization**. Disponível em < [www.unisi.it](http://www.unisi.it) > Acesso em 04/2008.

BELLETTI, A. & SHLONSKY, U. (1995) The order of verbal complements: a comparative study. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 13, p. 489-526.

BREUL, C. (2004) **Focus structure in Generative Grammar**: an integrated syntactic, semantic and intonational approach. Série Linguistik Aktuell. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

BÜRING, D. (1999) What do definites do that indefinites definitely don't? Disponível em : < <http://vivaldi.sfs.nphil.uni-tuebingen.de/~arnim10/Festschrift/Buring-5-komplett%20fertig.pdf> . >

CINQUE, G. (1993) A null theory of phrase and compound stress. In: **Linguistic Inquiry**, 24, 239-298.

COSTA, J. (1998) **Word order variation**: a constraint-based approach. Doctoral Dissertation. HIL/Leiden University.

COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. (2006) On the (in)dependence relation between syntax and pragmatics. In: Molnár, V.; Winkler, S. (eds) **The architecture of focus**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

FERNANDES, F. R. (2007). **Ordem, focalização e preenchimento em português**: sintaxe e prosódia. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade estadual de Campinas.

GREWENDORF, G. (2002) **Minimalistische Syntax**. Tübingen, Basel: A. Francke.

JACKENDOFF, R. (1972) **Semantic interpretation in generative grammar**. Cambridge: MIT Press.

KAYNE, R. & POLLOCK, J.-Y. (2001) New thoughts on stylistic inversion. In: Haegeman, L. (ed) **Elements of grammar**. Dordrecht: Kluwer, p. 107-162.



- KISS, K. (1998) Identificational focus versus information focus. **Language**, v. 74, n. 2, p.595-621.
- LARSON, R. (1988) On the double object construction. **Linguistic Inquiry**, v. 19, p. 335-391.
- LENERZ, J. (1977) **Zur Abfolge nominaler Satzglieder im Deutschen**. Tübingen: TBL-Verlag Narr.
- MIOTO, C. (2003) Focalização e quantificação. **Revista Letras**, Curitiba, v. 61, p. 169-189.
- MÜLLER, G. (1995) **A-bar Syntax: a study on movement types**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter.
- QUAREZEMIN, S. (2005) **A focalização do sujeito no português brasileiro**. 126 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- REINHART, T. (1995) Interface strategies. OTS Working Papers in Linguistics. Disponível em: < <http://www.let.uu.nl/~tanya.reinhart/personal/Papers/pdf/intrface1.pdf>. >
- RIZZI, L. (1997) The fine structure of the left periphery. In: Haegeman, L. (ed) **Elements of grammar**. Dordrecht: Kluwer, p. 281-337.
- ZUBIZARRETA, M. L. (1998) **Prosody, focus and word order**. Cambridge: MIT Press.